

**unesp**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – RIO CLARO**



---

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL  
EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL (PROEF)**

---

**O ENSINO DO ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ANÁLISE DA  
PROPOSTA DE UM LIVRO DIDÁTICO PARA O 3º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**JOÃO PAULO HERNANDEZ**

**Rio Claro – SP  
2020**



---

**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
EM REDE NACIONAL (PROEF)**

---

**O ENSINO DO ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ANÁLISE DA  
PROPOSTA DE UM LIVRO DIDÁTICO PARA O 3º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**JOÃO PAULO HERNANDEZ**

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Moreto Impolcetto

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Física Escolar.

**Rio Claro – SP  
2020**

H557e

Hernandez, João Paulo

O ensino do esporte nas aulas de Educação Física : análise da proposta de um livro didático para o 3º ano do Ensino Fundamental / João Paulo Hernandez. -- Rio Claro, 2020

105 f. : tabs.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro

Orientadora: Fernanda Moreto Impolcetto

1. Educação física (Ensino fundamental). 2. Livros didáticos. 3. Esportes. 4. Ensino. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Rio Claro



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: **O ensino do esporte nas aulas de Educação Física: análise da proposta de um livro didático para o 3º ano do Ensino Fundamental**

**AUTOR: JOÃO PAULO HERNANDEZ**

**ORIENTADORA: FERNANDA MORETO IMPOLCETTO**

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em EDUCAÇÃO FÍSICA ,  
área: Educação Física Escolar pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. FERNANDA MORETO IMPOLCETTO  
Departamento de Educação Física / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Prof. Dr. OSMAR MOREIRA DE SOUZA JÚNIOR  
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana / Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Profa. Dra. ALINE FERNANDA FERREIRA VARGAS  
Prefeitura Municipal de Rio Claro / SP

Rio Claro, 28 de julho de 2020



**Dedico este trabalho a minha mãe  
Maria José (Zezé), pessoa maravilhosa  
que sempre teve orgulho de mim,  
expressando sempre através de seu  
amor e carinho.**



## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus que me permitiu não apenas alcançar a esse sonhado objetivo, mas me possibilitou superar inúmeras outras barreiras que a vida me impôs. A liberdade que tenho para ser aquilo que sou hoje, também passa por suas mãos divinas.

A toda minha família pelo apoio dado nesta trajetória extensa e intensa do mestrado profissional. Uma família que sempre esteve disposta a superar várias situações adversas, transpondo-os com muito amor e carinho. Uma família que permitiu-se renovar, a pensar “fora da caixinha”, que aprendeu que o amor verdadeiro é muito maior do que aquilo que parecia ser.

Agradeço especialmente a minha mãe Maria José (Zezé), um ser humano incrível, sempre amorosa e preocupada com os rumos da vida de seus filhos. Seu amor, apoio e sua presença é um dos maiores presentes que a vida me deu.

Ao meu pai João (in memoriam), que apesar de ter vivido muito pouco com sua presença, sinto que sua vontade de aprender, apesar das limitações que a vida lhe impôs, e a busca do melhor para si e sua família constituem hoje parte essencial da minha personalidade.

Aos meus irmãos Silvia, Marcio e Margarete pelo apoio depositado em mim. Sei que o orgulho que sentem pela minha carreira profissional, acadêmica e pessoal é algo verdadeiro que intensificou ao longo dos anos e tenham a certeza de que é recíproco. Agradeço também aos meus sobrinhos João Pedro e Davi, por também contribuírem por esta jornada.

Agradeço ao meu companheiro de vida Marlio, pelo apoio, paciência e amor dados durante esses 10 anos juntos em que sempre me ouviu e ajudou. Seus conselhos me fortaleceram e contribuíram para construção deste trabalho.

A Camila Noviscki e Ketlin Valentim que sempre alegraram minha vida aqui na cidade de Rio Claro/SP com muitas risadas, momentos divertidos e de apoio. Suas amizades transcendem os muros profissionais em que nos conhecemos e consolidaram na minha vida pessoal, assim como eu estou consolidado na vida de vocês.

Agradeço especialmente a minha orientadora Fernanda Moreto Impolcetto, uma pessoa incrível que me conduziu com maestria na construção do meu sonho



acadêmico. Sua paciência, determinação, conhecimento amplo da área e foco, foram vitais para esta dissertação.

Agradeço também aos companheiros de mestrado: Flávia, Caroline, Adria e Thiago, pois juntos vencemos essa etapa em nossas vidas. A amizade de vocês é algo que levarei para o resto da minha vida. Sempre estarão guardados em minha memória.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram nesta minha jornada acadêmica e que não foram aqui citados. Meu MUITO OBRIGADO!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

**Mestrado Profissional em**  
**Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



**“Se a educação sozinha não  
transforma a sociedade, sem ela  
tampouco a sociedade muda”**

**Paulo Freire**



## RESUMO

O ensino dos esportes foi alicerçado no modelo tradicional/tecnicista por muitos anos e com isso recebeu uma série de críticas de especialistas que discutiam sobre a sua prática, considerada fragmentada e, muitas vezes, descompromissada especialmente dentro do ambiente escolar. Durante a década de 1980, impulsionadas pelo Movimento Renovador da Educação Física (MREF), essas críticas sobre seu ensino só aumentaram. Foi durante neste período que o esporte passou a ser creditada como um objeto de conhecimento da Cultura Corporal de Movimento (CCM), tendo sua prática associada a outros valores e significados cunho social e histórico. Apesar dos esforços do MREF em propor um ensino mais voltado a ciências humanas, na prática houve poucas mudanças, pois o esporte continuou a ser ensinado de maneira tradicional/tecnicista. Atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017b) apresenta uma proposta diferente para o conteúdo do esporte nas aulas de Educação Física Escolar (EFE). Neste documento, espera-se que o aluno atinja um rol de habilidades e competências que serão conquistados através de vivências teóricas e práticas de várias práticas corporais, entre elas, o ensino do esporte fundamentado na lógica interna das ações motoras de cada modalidade. Para auxiliar os professores de EFE na árdua missão de aplicar os conteúdos descritos na BNCC, o governo federal no ano de 2017 incluiu a disciplina Educação Física no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Desse modo, criou-se a expectativa se esses livros irão realmente amparar uma prática docente em direção a experiências esportivas mais significativa, fundamentando-se sempre na lógica interna das modalidades esportivas, além de romper com visão tradicional/tecnicista que permeou o ensino do esporte por muito anos. Com isso, o objetivo desta pesquisa foi analisar a implementação de uma unidade didática para o ensino dos esportes, fundamentada em um livro do PNLD, elaborado a partir das habilidades indicadas na BNCC para o 3º ano do Ensino Fundamental. Este estudo, de natureza qualitativa, é caracterizado como uma pesquisa participante, em que o professor também foi pesquisador implementando uma Unidade Didática (UD) sobre o ensino do esporte para uma turma do 3º ano do ensino fundamental, elaborada a partir do livro Práticas Corporais: Educação Física (DARIDO *et al.*, 2017). Para a produção dos dados foi utilizado o Diário de Campo em cada das aulas e uma sessão de Grupo Focal com alguns alunos



no final da UD. Os dados foram analisados por meio das categorias de codificação (codificação simples), a qual resultou em três categorias: A primeira categoria apresentou os limites e possibilidades do livro didático. Nesta parte foi apresentado dificuldades enfrentadas ao longo da UD, como a precariedade da escola e dos materiais pedagógicos; a necessidade de se complementar informações que não aparecem no livro; além das vantagens geradas pelo uso da obra. Na segunda categoria intitulada de “análise e compreensão”, foi possível constatar sobre o conteúdo referencial do livro, que apresenta um bom nível pedagógico em que se foca mais na análise como dimensão do conhecimento em comparação ao tempo dedicado com a dimensão da compreensão. Também foi possível constatar que as atividades da obra analisada são coerentes com habilidades indicadas na BNCC para o 3º ano do EF, além de usar o conceito da lógica interna dos esportes como sugerido pelo documento. Por fim, a terceira categoria abordou a construção de valores. Nela foi debatido assuntos relacionados as práticas esportivas pelos deficientes físicos (cadeirantes) e sobre o futebol feminino. Essas discussões possibilitaram aos alunos vivências práticas e discussões reais sobre o tema, com a intenção de sensibilizar os alunos sobre o problema enfrentado pelos cadeirantes na prática esportiva, e debater sobre o machismo que impera por muitas vezes no futebol. Conclui-se que o livro didático analisado possui estrutura pedagógica viável, rompe com a visão tradicional do ensino esportivo, relaciona o conteúdo com a realidade dos alunos e tem potencial para a construção de valores para a cidadania.

**Palavras-chaves:** Educação Física (Ensino Fundamental), Livros Didáticos, Esportes, Ensino.



## **ABSTRACT**

The teaching of sports was based on the traditional/technicist model for many years and thus received a series of criticisms from experts who discussed its practice, considered fragmented and, often, uncommitted especially within the school environment. During the 1980s, driven by the Movement for the Renewal of Physical Education (MREF), these criticisms of its teaching only increased. It was during this period that sport started to be credited as an object of knowledge of the Body Culture of Movement (CCM), with its practice associated with other values and meanings of a social and historical nature. Despite the efforts of MREF to propose teaching more focused on the humanities, in practice there have been few changes, as sport has continued to be taught in a traditional / technical way. Currently, the National Common Curricular Base (BRASIL, 2017b) presents a different proposal for the content of sport in School Physical Education (EFE) classes. In this document, it is expected that the student reaches a list of skills and competences that will be achieved through theoretical and practical experiences of various body practices, among them, the teaching of sport based on the internal logic of the motor actions of each modality. To assist EFE teachers in the arduous mission of applying the contents described in BNCC, the federal government in 2017 included the discipline Physical Education in the National Program for Books and Didactic Material (PNLD). Thus, the expectation was created whether these books will really support a teaching practice towards more significant sports experiences, always based on the internal logic of the sports modalities, in addition to breaking with the traditional / technical view that permeated the teaching of the sport for many years. With this, the objective of this research was to analyze the implementation of a didactic unit for the teaching of sports, based on a PNLD book, elaborated from the skills indicated in the BNCC for the 3rd year of Elementary School. This qualitative study is characterized as a participatory research, in which the teacher was also a researcher implementing a Didactic Unit (UD) on the teaching of sport for a class of the 3rd year of elementary school, elaborated from the book *Corporal Practices : Physical Education* (DARIDO *et al.*, 2017). To produce the data, the Field Diary was used in each class and a Focus Group session with some students at the end of the UD. The data were analyzed using the coding categories (simple coding), which resulted in three categories: The first category presented the



limits and possibilities of the textbook. In this part, difficulties faced throughout the UD were presented, such as the precariousness of the school and teaching materials; the need to supplement information that does not appear in the book; in addition to the advantages generated by the use of the work. In the second category entitled "analysis and understanding", it was possible to verify the referential content of the book, which presents a good pedagogical level in which it focuses more on analysis as a dimension of knowledge compared to the time dedicated to the dimension of understanding. It was also possible to verify that the activities of the analyzed work are consistent with the skills indicated in the BNCC for the 3rd year of EF, in addition to using the concept of the internal logic of sports as suggested by the document. Finally, the third category addressed the construction of values. It discussed issues related to sports practices by the physically disabled (wheelchair users) and women's football. These discussions made it possible for students to have practical experiences and real discussions on the topic, with the intention of sensitizing students about the problem faced by wheelchair users in sports practice, and to debate the machismo that prevails for many times in football. It is concluded that the analyzed textbook has a viable pedagogical structure, breaks with the traditional view of sports education, relates the content to the students' reality and has the potential to build values for citizenship.

**Keywords:** Physical Education (Elementary School), Textbooks, Sports, Teaching.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Conteúdo proposto para 3º ano Ensino Fundamental.....	33
Quadro 2 - Descrição das aulas do conteúdo do tema 1: Diferenças entre jogo e esporte .....	33
Quadro 3 - Descrição das aulas do conteúdo do Tema 2: Esportes de invasão .....	34
Quadro 4 - Fases de Codificação (Diário de Campo).....	37
Quadro 5 - Lista de códigos dos documentos .....	38
Quadro 6 - Categorias de análise com os respectivos códigos.....	38



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL .....	13
OBJETIVO.....	22
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	23
ARTIGO: O ENSINO DO ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ANÁLISE DA PROPOSTA DE UM LIVRO DIDÁTICO PARA O 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL .....	27
1 INTRODUÇÃO .....	27
2 OBJETIVO.....	29
3 MÉTODO.....	29
3.1 Universo da pesquisa .....	30
3.2 Participantes.....	31
3.3 Instrumentos.....	31
3.4 Procedimentos para a coleta e seleção de dados.....	32
3.5 Procedimentos para a análise de dados .....	36
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	39
4.1 Educação Física e Livro Didático: possibilidades e limites.....	40
4.2 Análise e compreensão .....	44
4.3 Construção de valores .....	49
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	59
APÊNDICES.....	63
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	63
APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO.....	65
APÊNDICE D – ROTEIRO DO GRUPO FOCAL.....	68
APÊNDICE E – PRODUTO FINAL.....	69

## INTRODUÇÃO GERAL

A Educação Física, ao longo de sua recente história, possuiu várias concepções ideológicas sobre aquilo que deveria ser ensinado, principalmente no ambiente escolar. Entre as várias concepções que possuiu ao longo desta trajetória, ressalta-se duas fases:

A primeira higienista e militarista, na qual o foco baseou-se fortemente no desenvolvimento físico e moral das pessoas, além de reforçar a ideia de eugenia e fortalecimento da raça; e a segunda esportivista, que projetou a Educação Física Escolar (EFE) como um suporte ideológico na busca de talentos esportivos, com a intenção de “garimpar” futuros atletas que representassem o país em grandes competições nacionais e internacionais. (DARIDO; SANCHES NETO, 2005, CASTELLANI FILHO, 1988).

Durante a fase esportivista, as estratégias de ensino ficaram pautadas, em sua grande maioria, pela execução exaustiva dos fundamentos esportivos e o aprimoramento da técnica. Através desta concepção, as aulas de EFE se transformaram praticamente em um “treino” como são vistos em clubes e escolinhas de esporte. As estratégias utilizadas neste modelo, que é considerado tradicional/tecnicista, focava-se apenas em um “fazer pelo fazer” sem levar em consideração outros aspectos, como os sociais e culturais. (FAGANELLO, 2008).

Também durante este período, os fundamentos esportivos de cada modalidade eram ensinados de forma isolada, acreditando-se que a somatória deles, ao longo das aulas subsequentes, totalizaria em uma suposta aprendizagem. (DAÓLIO, 2002; DARIDO, 2003; DARIDO; RANGEL, 2005; GALATTI *et al.*, 2014).

Esta fragmentação do esporte, em fundamentos técnicos como estratégia de ensino, é denominada de método analítico-sintético. Esta prática estimula a repetição do gesto esportivo, de forma quase exaustiva, na busca de um refinamento necessário para praticar a modalidade ensinada. Este método não leva em consideração a inteligência dos jogadores/alunos em solucionar os problemas táticos que os jogos proporcionam como: o posicionamento correto para ataque, cobertura dos espaços vazios durante a defesa, procurar o melhor posicionamento durante o jogo, entre outros. (GALATTI *et al.*, 2014).



O modelo tradicional/tecnicista gerou e gera muitas críticas sobre sua prática nos espaços escolares. Vários autores defendem que a experiência esportiva dos alunos devem passar por um tratamento pedagógico mais coerente com as finalidades de uma educação mais inclusiva, pois, quando vivenciado de forma similar aos significados que a sociedade capitalista lhe atribui, o esporte sobrecarregasse de conceitos que preconizam reproduzir modelos de vida considerados “ideais” do ponto de vista de determinadas camadas sociais privilegiadas. Neste caso, a prática esportiva teria um fim em si mesma ou a vitória a qualquer custo. (DARIDO; SANCHES NETO, 2005).

As consequências do modelo tradicional/tecnicista são desastrosas nos aspectos sociais. Além de não permitir uma abertura para discussão sobre a importância do coletivismo na prática esportiva, este modelo reforça vários estereótipos do esporte de alto rendimento como: a valorização exacerbada dos mais hábeis e a exclusão dos menos habilidosos. (DARIDO, 2003; DARIDO; SANCHES NETO, 2005).

Muitos autores acreditam que o tema esporte precisa ocupar nas aulas de EFE uma visão desmistificada sobre a sua prática. Na escola, alunos e professores precisam discutir sobre as diferentes formas em que o fenômeno esportivo é encontrado na sociedade, para além do profissionalismo e do alto rendimento, mas, como fonte de lazer e educação. Estas formas devem ser debatidas sempre respeitando as possibilidades e interesses de cada aluno. (BRACHT, 1992; BRACHT, 2001; DARIDO, 2003; DARIDO; SANCHES NETO, 2005).

Para atingir tal propósito elucidado, as estratégias de ensino devem permitir uma reflexão sobre a temática do esporte de forma mais crítica e reflexiva. Debruçar sobre as questões de ordem social, econômica, política e cultural que o conteúdo potencialmente pode propor. Fazer com que a tensão permanente da cultura escolar, da cultura esportiva embrenhada na sociedade e dos exemplos que prática do alto rendimento demonstra, possa produzir uma nova cultura esportiva da escola, na qual o conhecimento gerado nesse conflito proporcione ao aluno uma vivência crítica e reflexiva sobre a prática do esporte. (BRACHT, 1992; VAGO, 1996).

É importante ressaltar que, apesar das inúmeras críticas ao modelo tradicional/tecnicista do esporte, uma considerável parcela dos professores ainda o



utiliza como forma de ensinar, inclusive em ambiente escolar (DARIDO, 2003; DARIDO, RANGEL, 2005; GONZÁLEZ, 2018).

A partir de 1980, com retomada da democracia no país, foi rediscutido o papel da educação e, conseqüentemente, o da EFE. Essas novas discussões que emergiram dentro de um novo panorama social e político, fez com que surgisse o Movimento Renovador da Educação Física (MREF) que, entre muitas críticas, fez oposição ao modelo tradicional/tecnicista. (DARIDO; SANCHES NETO, 2005; LORO; PIMENTEL, 2016).

Este movimento fundamentou seus pressupostos ideológicos nas ciências humanas, a qual permitiu uma revisão das práticas realizadas dentro EFE, causando-lhe uma “crise de identidade”. A Educação Física defrontou-se com questões que não eram de sua rotina que, por sua vez, colocou a sua base de conhecimentos e os das pessoas envolvidas com ela em “cheque”. Este fato ocasionou uma ruptura com a visão estritamente biológica que permeava quase exclusivamente sua fundamentação teórica, além de proporcionar uma possibilidade de superar uma postura passiva, neutra e apolítica que grande parte de seus docentes apresentavam dentro do processo pedagógico. (MACHADO; BRACHT, 2016).

Foi a partir MREF, que surgiram as abordagens pedagógicas fundamentadas em diferentes matrizes filosóficas, baseadas na antropologia, psicologia, filosofia, sociologia e nas teorias da educação. Alguns exemplos dessas novas abordagens são: a desenvolvimentista, que está apoiada na psicologia cognitiva e de outros autores como Gallahue; a construtivista, fundamentada em Piaget, e a crítico-superadora<sup>1</sup>, de cunho culturalista alicerçadas pelas teorias de Saviani e Libâneo. (LAVOURA; BOTURA; DARIDO, 2006).

As abordagens pedagógicas, que têm como objeto de conhecimento a Cultura Corporal de Movimento<sup>2</sup> (CCM), propõem uma nova visão fundamentada que, o movimento intencional humano, a qual a priori possuiria apenas aspectos naturais e biológicos, relacionara-se também com aspectos de ordens sociais e históricas. (BETTI, 2007).

---

<sup>1</sup> Além da abordagem crítico-superadora existem outras de cunho culturalista, como por exemplo a abordagem sistêmica (BETTI, 1991) e a cultural (DAÓLIO, 1995a)

<sup>2</sup> Outros termos foram usados pelas abordagens de cunho culturalista como Cultura Corporal e Cultura de Movimento (DARIDO, 2003).



As abordagens culturalistas preconizam que o esporte também faz parte da CCM. Seu ensino deve ir para além de uma prática que se inicia e termina nela mesma, mas de vivências carregadas de valores sociais e culturais, que o-ressignifica dependendo do contexto em que é praticado. (DARIDO, 2003; DARIDO, RANGEL, 2005)

O primeiro documento governamental fundamentado nas concepções da CCM para Educação Física escolar foram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/BRASIL, 1997). Os PCN indicam que as aulas de EFE devem possibilitar aos alunos uma apropriação dos elementos da CCM, englobando esportes, jogos e brincadeiras, lutas, ginásticas e atividades rítmicas e expressivas, sem se restringir apenas a parte procedimental (saber fazer), mas indo além por meio das dimensões conceitual e atitudinal (DARIDO, 2003; DARIDO, RANGEL, 2005).

Os PCN apontam o esporte como importante parte do acervo da CCM e como dever da escola e dos profissionais de EFE possibilitarem seu acesso pelos alunos, não apenas no ato de “praticar por praticar”, mas também por meio da compreensão do seu significado na vida e na sociedade (BRASIL, 1997; GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

Em relação a outros documentos governamentais mais recentes direcionados a EFE, o governo federal lançou a terceira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ano de 2017.

Este documento, ora obrigatório nas escolas públicas e privadas, estabelece competências e habilidades que devem ser garantidas aos alunos de todas as instituições escolares brasileiras da educação básica por meio de disciplinas curriculares, anos de escolaridade ou ciclos. (BRASIL, 2017b).

A BNCC estabelece a EFE como um componente curricular que tematiza as práticas corporais dos esportes, ginásticas, danças, lutas, práticas corporais de aventura, jogos e brincadeiras em diversas codificações e significações sociais. Desta forma, a BNCC segue a concepção culturalista da área, além de estabelecer que os conteúdos sejam desenvolvidos por meio de oito dimensões do conhecimento:

- Experimentação: se refere a vivência e envolvimento corporal das práticas corporais;
- Uso e apropriação: conhecimento que oportuniza ao aluno possibilidades de realizar uma prática corporal de forma autônoma;



- Fruição: experiência estética das vivências corporais, assim como realizar práticas corporais de diferentes lugares, época e grupos;
- Reflexão sobre a ação: conhecimentos que tem origem a observação e análise das próprias vivências corporais e dos outros;
- Construção de valores: conhecimentos originados através das discussões e vivências que possibilitam o aprendizado de valores e as normas direcionadas para a democracia e ao exercício da cidadania;
- Análise: é o “saber sobre”, a qual caracteriza em entender o funcionamento e as características das práticas corporais;
- Compreensão: conhecimento que possibilita o esclarecimento do processo de introdução das práticas corporais no contexto sociocultural, que reúne saberes para compreender o espaço das práticas corporais no mundo;
- Protagonismo comunitário: são as ações, atitudes e conhecimento que possibilitam ao aluno intervirem de forma autoral nas decisões e ações democráticas, para o acesso das práticas corporais de diferentes pessoas, tendo como referências valores positivos à convivência social (BRASIL, 2017b).

Com relação ao esporte, a BNCC também o reporta como um objeto de conhecimento relevante da CCM. Indica que seu o ensino deve ser estruturado por meio da “lógica interna” das modalidades esportivas, utilizando-se como referência os critérios de cooperação, interação com o adversário, desempenho motor e objetivos táticos da ação (BRASIL 2017b).

Assim como a classificação dos esportes através da lógica interna<sup>3</sup>, como está indicada na BNCC, existem outras classificações que utilizam outros critérios e formas de agrupamento. A tentativa nessas classificações é estruturar as modalidades esportivas em blocos, nos quais podem ser identificados estruturas universais ou a lógica interna das ações motoras que se assemelham durante o jogo. Os critérios utilizados foram desde esportes que tenham ou não interação com os colegas de equipe; que tenham ou não interação com os adversários; que possuem correlação com o ambiente físico, em que se permite classificar aqueles que são praticados sem

---

<sup>3</sup> "Sistema de características próprias de uma situação motora e das consequências que esta situação demanda para a realização de uma ação motora correspondente" (PARLEBÁS, 2001, p. 302).

estabilidade ambiental ou em espaços não-padronizados; ou esportes com estabilidade ambiental ou em espaços padronizados (GONZÁLEZ, 2004).

A classificação da lógica interna utilizada pela BNCC, fundamentada em González (2004) que a estruturou com base nos estudos de Parlebás (1988), permite compreender através das ações motoras intrínsecas de cada esporte, qual categoria cada modalidade pertence, podendo ser classificada em: marca; precisão; técnico-combinatório; rede/quadra dividida ou parede de rebote; campo e taco; invasão ou territorial; combate (BRASIL, 2017b; GONZÁLEZ, 2004).

Como forma de exemplificar as categorias apresentadas, os esportes de invasão ou territorial têm como objetivo invadir o campo adversário, com o intuito de atingir a sua meta (ex.: gol, cesta ou linha demarcatória) para pontuar, além de proteger a própria meta dos ataques adversários (GONZÁLEZ, 2004).

É importante salientar que a concepção de esporte apresentada na BNCC supera a prática reducionista que o modelo tradicional/tecnicista preconizou através da repetição dos fundamentos esportivos, mas coloca esta prática corporal como objeto de conhecimento da CCM (BRASIL 2017b).

Além disso, alguns aspectos sugeridos sobre o esporte na BNCC como a classificação com base na lógica interna, por exemplo, estão fundamentados nas tendências atuais da pedagogia do esporte. Tais tendências valorizam o ensino esportivo por meio dos elementos técnico-táticos das modalidades, possibilitando a elaboração de situações problemas que devem ser resolvidas pelos alunos o mais próximo possível da realidade do jogo, fazendo com que as formas de ensinar não fiquem apenas estagnadas na técnica como o modelo tradicional/tecnicista preconiza (MACHADO; GALATTI; PAES, 2015; REVERDITO; SCAGLIA, 2009).

Devido a toda esse demanda que a BNCC traz para o cenário atual da EFE, em 2017, com a finalidade de auxiliar o professor na sua prática pedagógica, o Ministério da Educação (MEC) através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) lançou o edital 01/2017 – CGPLI para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o ano letivo de 2019. Neste edital, abriu-se a possibilidade de selecionar livros didáticos para a EFE pela primeira vez na história da Educação Brasileira.

Ao longo do processo de seleção, as obras passaram por uma triagem baseadas em critérios comuns à todas as áreas:



- Respeito à legislação, às diretrizes e às normas oficiais relativas à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental;
- Observância de princípios éticos e democráticos necessários à construção da cidadania, ao respeito à diversidade e ao convívio social republicano;
- Coerência e adequação da abordagem teórico-metodológica assumida pela obra, no que diz respeito à proposta didático-pedagógica explicitada e aos objetivos visados;
- Correção e atualização de conceitos, informações e procedimentos; Adequação da estrutura editorial e do projeto gráfico aos objetivos didático-pedagógicos da obra;
- Observância dos temas contemporâneos no conjunto dos conteúdos da obra. (BRASIL, 2017a)

Após essa primeira triagem, as obras inscritas foram analisadas com base em três critérios específicos da EFE:

- A relação entre os objetos de conhecimento e as habilidades propostas na BNCC (terceira versão) para o componente Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental;
- As competências gerais da BNCC (terceira versão);
- E as competências específicas de linguagens para o ensino fundamental (BRASIL, 2017a).

Diferente das outras áreas do conhecimento, o componente curricular Educação Física teve aprovado apenas o manual do professor impresso, organizado em dois volumes: O primeiro destinado aos 1º e 2º ano e o segundo destinado para o 3º, 4º e 5º ano todos para o Ensino Fundamental (BRASIL, 2017a). No final do processo de seleção foram aprovadas quatro obras para EFE. Todas elas apresentaram um referencial teórico para o ensino das práticas corporais fundamentadas na CCM e que tem o esporte como parte desse rol de conhecimentos.

Após cumpridas todas as etapas mencionadas, as obras passaram por apreciação e escolha dos professores em todas as escolas públicas do país e começaram a ser distribuídas em 2018.

Cabe destacar que antes mesmo do Ministério da Educação (MEC) ter aprovado esses livros didáticos para EFE para o PNLD 2019, outros livros/materiais didáticos já apresentaram propostas no sentido de inserir o aluno o universo na CCM

de forma crítica e reflexiva dentro da área. Algumas dessas obras precursoras buscavam, especificamente em relação ao esporte, nortear os professores na superação da visão tradicional/tecnicista, além de colaborar na prática pedagógica através de um conteúdo referencial que deveria ser transformado pela realidade e necessidades dos discentes, possibilitando ao professor desenvolver seus planejamentos curriculares e planos de aula (IMPOLCETTO, 2012; RODRIGUES, DARIDO, 2011).

Os livros didáticos quando bem utilizados, teoricamente, viabilizam fontes de referências para a tomada de decisões tanto no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, quanto no planejamento das aulas e nas formas de avaliar. Tudo isto, sempre visando o respeito e autonomia dos professores e a especificidade do contexto em que vai ser aplicado. Esses critérios são importantes para que o livro didático não se torne algo prescrito, sem analisar as condições que o ambiente apresenta e as necessidades reais dos alunos (DARIDO *et al.*, 2010)

Atualmente, os livros didáticos são reconhecidos por vários estudiosos da área da educação como um valioso instrumento no processo de escolarização e, apesar de terem sido negligenciados por historiadores e bibliográficos, este material vem despertando muito interesse por pesquisadores nas últimas décadas (CHOPPIN, 2004).

Alguns autores criticam seu uso, pois alegam que as péssimas condições dos insumos escolares, a falta de livros, a precarização de laboratórios e equipamentos das unidades de ensino, as condições de trabalho que obrigam professores a uma vida de correria e improvisações, além das estratégias de marketing aplicadas pelas editoras, “empurrariam” os docentes para tais materiais que serviriam como “muletas” sem os quais não conseguiriam caminhar (RODRIGUES; DARIDO, 2011).

Outras críticas a esse material são:

- a forma unidirecional que os conteúdos são apresentados, sem que haja diversificação das ideias desenvolvidas;
- transmitem com frequência os conhecimentos de maneira acabada e dogmática, não havendo possibilidade de questionamento;
- pouca flexibilidade dos programas oficiais;
- fomentam posturas passiva dos alunos, limitando-se apenas a curiosidade deles;



- não respeitam a aprendizagem no ritmo do aluno;
- conduzem a uniformização do ensino (DARIDO *et al.*, 2010).

Na área da EF, no período da década de 1980, quando houve um redirecionamento da forma de pensar sobre o seu papel na escola, coincidentemente, alguns estudiosos teceram várias críticas aos materiais didáticos produzidos, o que poderia ter afastado boa parte dos docentes da sua produção (RODRIGUES; DARIDO, 2011).

Apesar das críticas, alguns autores pontuam que o livro didático posso se tornar em um material que faça a diferença na sala de aula, são necessárias adaptações em suas estratégias de ensino para contemplar a realidade em que vai ser aplicado. Assim, evita-se que estes livros se tornem receituários desconectados da realidade dos alunos (DARIDO *et al.*, 2010).

Esses instrumentos podem proporcionar ao professor critérios e referências para a tomada de decisões na intervenção direta do processo de ensino e aprendizagem, nos planejamentos anuais e por aula, além de diversificar as formas de avaliar. É importante também destacar que a forma como são escolhidos esses materiais precisa ser fundamentada nas competências dos docentes que, junto aos alunos, irão fazer do livro didático um instrumento de aprendizagem (LAJOLO, 1996).

Partindo de todos os pressupostos até aqui mencionado, será que os livros didáticos realmente auxiliam o professor no ensino do esporte em uma perspectiva atual que contemple a prática esportiva como um objeto da CCM, fundamentadas nas habilidades indicadas na BNCC, superando a visão que o método tradicional/tecnicista lançou e lança nas escolas?

A presente pesquisa é fruto do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), que tem como objetivos: proporcionar aos professores uma formação continuada em serviço para o exercício de uma prática profissional transformadora, a fim de atender demandas sociais e profissionais; qualificar os professores para a contextualização dos conhecimentos para a sociedade, atendendo as necessidades específicas da escola, com vistas ao desenvolvimento local, regional e nacional; reafirmar o compromisso permanente com a qualidade do ensino e da aprendizagem na área de EFE; favorecer o desenvolvimento de uma postura ética e crítica acerca do trabalho nas aulas de Educação Física nas etapas da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino



Médio; promover a valorização profissional do professor por meio do aprimoramento de sua formação (PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL, 2020).

## **OBJETIVO**

Sendo assim, afim de contemplar os preceitos defendidos pelo PROEF e responder a problemática levantada pelo referencial teórico exposto, esta pesquisa teve como objetivo analisar a implementação de uma unidade didática para o ensino dos esportes, fundamentada em um livro do PNLD, elaborado a partir das habilidades indicadas na BNCC para o 3º ano do Ensino Fundamental.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para produzir dados do presente estudo, optou-se pela elaboração de um artigo que respondesse ao objetivo acima enunciado de acordo com o modelo escandinavo de elaboração de dissertações e teses acadêmicas. Tal modelo preconiza ao autor produzir um ou mais artigos, normalmente logo após a introdução e apresentação das hipóteses e objetivos, que são desmembrados do problema de pesquisa (RUFINO, 2016).

Para Nassi-Calò (2016), com o intuito de agilizar a redação e avaliação da tese, instituições e programas de pós-graduação de vários países, inclusive do Brasil, estão optando por permitir que os candidatos produzam artigos, substituindo os capítulos do modelo tradicional. Este modelo é visto com bons olhos pelos alunos de pós-graduação, pois estimula a publicação de artigos de forma mais ágil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTI, Mauro. Educação física e cultura corporal de movimento: uma perspectiva fenomenológica e semiótica. Maringá. **Journal of Physical Education**, v.8, n.2, p.207-2017, 2. Sem. 2007.

BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**: A educação física na escola brasileira de 1. e 2. graus /Mauro Betti. - São Paulo: Movimento, 184p,1991.

BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, RS, v. 6, n. 12, p. 14-24, 23 out. 2000. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.2504>

BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem social**. Porto Alegre, RS: Magister, 1992.

BRASIL. Edital nº 01/2017, de 27 de julho de 2017. **Edital de Convocação Para O Processo de Inscrição e Avaliação de Obras Didáticas Para O Programa Nacional do Livro e do Material Didático PNLD 2019**. Brasília, DF, 27 jul. 2017a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017b. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=comdocman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=comdocman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192). Acesso: 18 abr. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais /** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas, SP: Papirus, 1988.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, [S.L.], v. 30, n. 3, p. 549-566, dez. 2004.

DAÓLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, Papirus, 1995.

DAÓLIO, Jocimar. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos – modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília, v.10, n.4, out, 2002.

DARIDO, Suraya Cristina *et al.* Livro didático na Educação Física escolar: considerações iniciais. **Motriz-revista de Educação Física**. Rio Claro: Univ. Estadual Paulista-UNESP, Inst. Biociências, v. 16, n. 2, p. 450-457, 2010.

DARIDO, Suraya Cristina *et al.* **Práticas Corporais**: educação física: 3º e 5º anos: manual do professor. São Paulo, SP: Moderna, 2017. 200 p.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação física na escola: Implicações para a Prática Pedagógica**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, Suraya Cristina; SANCHES NETO, Luiz. **O Contexto da Educação Física na Escola**. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, Suraya. Cristina. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2003.

FAGANELLO, F.R. Análise dos livros de atletismo como subsídio para o seu ensino no campo escolar. 2008. 150 f. **Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade Humana)** - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

GALATTI, Larissa Rafaela *et al.* Pedagogia do Esporte: tensão na ciência e o ensino dos Jogos Esportivos Coletivos. **Journal of Physical Education**, v. 25, n. 1, p. 153-162, 17 abr. 2014.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v.10, n.71, 2004. Disponível em:  
<[www.efdeportes.com/efd71/esportes.htm](http://www.efdeportes.com/efd71/esportes.htm)>

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **Educação física escolar entre “o rola bola” e a renovação pedagógica**. 2018. Texto elaborado para o Mestrado profissional em educação física em rede nacional – PROEF. Disponível em:  
[https://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/138514/mod\\_resource/content/3/index.html](https://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/138514/mod_resource/content/3/index.html). Acesso em: 20 jan. 2019.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Desafios da legitimação da educação física na escola republicana. **Horizontes**, Dourados, MS, v. 2, n. 1, p. 33-42, dez. 2013.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: Pensando saídas do não lugar da EF escolar II. **Cadernos de Formação RBCE**, Porto Alegre, RS, v. 1, n. 2, p. 10-21, mar. 2010. Semestral.

IMPOLCETTO, Fernanda Moreto. **Livro didático como tecnologia educacional: uma proposta de construção coletiva para a organização curricular do conteúdo voleibol**. 2012. 321 f. Tese - (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2012. Disponível em:  
<<http://hdl.handle.net/11449/106313>>.

LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em Aberto**, Brasília, n.69, v.16, jan./mar. 1996.



LAVOURA, Tiago Nicola; BOTURA, Henrique Moura Leite; DARIDO, Suraya Cristina. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONHECIMENTOS NECESSÁRIOS PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA. **Journal of Physical Education**, v. 17, n. 2, p. 203-209, 15 maio 2008.

LORO, Alexandre Paulo; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. A crise da educação física nos anos 1980 e os manifestos da sociologia pública. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v.9, n.2, dez. 2016.

MACHADO, Gisele Viola; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte e projetos sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, [S.L.], v. 21, n. 2, p. 405-418, 5 fev. 2015.

MACHADO, Thiago da Silva; BRACHT, Valter. O IMPACTO DO MOVIMENTO RENOVADOR DA EDUCAÇÃO FÍSICA NAS IDENTIDADES DOCENTES: uma leitura a partir da “teoria do reconhecimento” de Axel Honneth. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, [S.L.], v. 22, n. 3, p. 849-860, 15 ago. 2016.

PARLEBÁS, Pierre. **Elementos de sociología del deporte**. Andalucía: Junta de Andalucía, 1988.

PARLEBÁS, Pierre. **Juegos, Deporte Y Sociedad**: léxico de praxeología motriz. Barcelona: Paidotribo, 2001.

Mestrado Profissional Educação Física em Rede Nacional. 2019. **UNESP - Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente**. Disponível em: <https://www.fct.unesp.br/#!/pos-graduacao/-educacao-fisica/objetivos/>. Acesso em: 1 mar. 2019.

NASSI-CALÒ, Lilian. **Teses e dissertações**: prós e contras dos formatos tradicional e alternativo. prós e contras dos formatos tradicional e alternativo. 2016. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2016/08/24/teses-e-dissertacoes-pros-e-contras-dos-formatos-tradicional-e-alternativo/#.X06M1shKjIV>. Acesso em: 1 jul. 2019.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, Rio Claro, Sp, v. 15, n. 3, p. 600-610, set. 2009.

RODRIGUES, Heitor de Andrade; DARIDO, Suraya Cristina. O livro didático na Educação Física escolar: a visão dos professores. **Motriz – Revista da Educação Física**, v.17, n.1, p.48-62, Mar. 2011.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. **Entre o modelo tradicional e o escandinavo de produção de tese**. 2015. Texto escrito por Luiz Gustavo Bonatto Rufino, formado em Educação Física, mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias e doutorando em Ciências da Motricidade. Disponível em: <https://posgraduando.com/entre-o-modelo-tradicional-e-o-escandinavo-de-producao-de-tese/>. Acesso em: 26 ago. 2019.



VAGO, Tarcisio Mauro. O "Esporte Na Escola" E O "Esporte Da Escola": Da negação radical para uma relação de tensão permanente - Um diálogo com Valter Bracht. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v.3, n. 5, p.4-17, dez. 1996.

## ARTIGO: O ENSINO DO ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ANÁLISE DA PROPOSTA DE UM LIVRO DIDÁTICO PARA O 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

### 1 INTRODUÇÃO

O esporte é considerado um conteúdo tradicional nas aulas de Educação Física Escolar (EFE). Em boa parte da história desta área de conhecimento, a prática esportiva foi hegemônica e, apesar de não encontrar mais discursos que legitimam esta prática estritamente esportivista, grande parte dos profissionais da área atualmente ainda o privilegiam em relação as outras práticas corporais. (DARIDO, 2003; DARIDO; RANGEL, 2005, GONZÁLEZ, 2018).

O modelo tradicional/tecnicista, que serviu de base em todo período esportivista, prioriza o ensino da técnica ou do gesto esportivo de forma exaustiva, promovendo repetições e mais repetições dos fundamentos de cada modalidade. A atuação docente é marcada na centralidade de preparar equipes para competições, na atenção direcionada aos mais habilidosos e no desequilíbrio de oportunidades entre meninos e meninas. Neste modelo, as aulas possuem um formato de treino e não há além uma explicação das razões de ter escolhido este ou outro conteúdo. (GONZÁLEZ, 2018).

Muitas críticas foram feitas ao modelo tradicional/tecnicista, principalmente a partir da década de 1980 com o Movimento Renovador da Educação Física (MREF). Muitos pensadores da área alegaram que esta forma de ensinar descontextualizada a realidade caótica da prática esportiva, como também não valorizam a inteligência dos jogadores durante o jogo. Outro ponto criticado é a exacerbada atenção dada aos resultados. (BRACHT, 2012; GALATTI *et al.*, 2014).

Em contraponto a este modelo, sugeriram diversas abordagens pedagógicas a partir do MREF. Essas abordagens fundamentaram-se na psicologia, sociologia, filosofia e nas teorias da educação. Entre estas abordagens existem aquelas de cunho culturalista que, entre vários termos para destacar o seu objeto de conhecimento como Cultura Corporal ou Cultura de Movimento, destaca-se a terminologia Cultura Corporal de Movimento (CCM) adotada nesta pesquisa. (DARIDO; SANCHES NETO, 2005; LORO; PIMENTEL, 2016).

Entre os documentos governamentais, que tem como objeto de conhecimento a CCM, estão o Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) Educação Física, primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental. Este documento tematiza as práticas corporais em esportes, jogos e brincadeiras, lutas, ginásticas e atividades rítmicas e expressivas, além de sugerir que as aulas de EFE não se restrinjam apenas a parte procedimental (saber fazer), mas indo além, ao discutir os conteúdos de forma conceitual (saber sobre) e atitudinal (saber ser). (PCN/BRASIL, 1997; DARIDO, 2003; DARIDO, RANGEL, 2005).

Outro documento de origem governamental, porém lançado recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também tematiza as práticas corporais como objeto da CCM e, diferentemente dos PCN's, possuem oito dimensões do conhecimento: Experimentação, Uso e apropriação, Fruição, Reflexão sobre a ação, Construção de valores, Análise, Compreensão e Protagonismo comunitário. (BRASIL, 2017b).

Para o tema esporte, a BNCC propõe que eles sejam ensinados por meio de uma classificação baseada na lógica interna. Essa classificação está fundamentada em alguns preceitos das tendências atuais da Pedagogia do Esporte (PE) que permitem identificar estruturas universais esportes, por meio das ações motoras de cada modalidade que se assemelham durante o jogo. Por meio da lógica interna, o ensino dos esportes pode ser vivenciado pelos alunos de forma mais contextual à realidade do jogo (BRASIL, 2017b; GONZÁLEZ, 2004).

Exemplo dessas semelhanças, é a ação motora principal do basquete: invadir o campo adversário com a intenção de acertar a cesta e, concomitantemente, defender a sua cesta dos ataques do adversário. Esta ação motora se assemelha com as das outras modalidades esportivas como futebol, handebol, polo aquático e rúgbi. Tais esportes se enquadram na classificação da BNCC como esportes de invasão, segundo o princípio da lógica interna (BRASIL, 2017b; GONZÁLEZ, 2004).

A partir da promulgação da terceira versão da BNCC, em 2017, foi lançado o edital do PNL 01-2017 da Coordenação-Geral dos Programas do Livro, vinculado ao Ministério da Educação (MEC), para elaboração de obras didáticas, para auxiliar professores de várias disciplinas curriculares. Nesse edital constava o componente curricular Educação Física que deveria ser contemplado com a confecção de livros didáticos. As editoras interessadas deveriam submeter suas obras para a avaliação

de especialistas tanto da área da educação em geral, quanto específica de cada disciplina (BRASIL, 2017a)

Durante este processo, foram selecionadas quatro obras para a Educação Física que, posteriormente, foram enviadas para as escolas municipais e estaduais, para escolhas dos professores de cada instituição. Dentre as obras selecionadas, encontra-se o livro “Práticas Corporais: Educação Física: 3º a 5º anos” da editora Moderna, sendo este livro o objeto investigado na presente pesquisa (DARIDO *et al.*, 2017).

Ao que concerne aos estudos sobre o livro didático, existem várias críticas em relação ao seu uso. Isto ocorre, pois, alguns autores alegam que: as obras didáticas abordam de forma unidirecional o conteúdo disciplinar; transmitem conhecimentos acabados e dogmáticos; possuem pouca flexibilidade; fomentam um comportamento passivo nos alunos sem considerar seus ritmos de aprendizagens; conduzem a uniformização do ensino; entre outros. (DARIDO *et al.*, 2010; RODRIGUES; DARIDO, 2011).

Partindo de todos os pressupostos até aqui mencionado, será que os livros didáticos realmente auxiliam o professor no ensino do esporte em uma perspectiva atual que contemple a prática esportiva como um objeto da CCM, fundamentadas nas habilidades indicadas na BNCC, superando a visão que o método tradicional/tecnicista lançou e lança nas escolas?

## **2 OBJETIVO**

Sendo assim, com o intuito de responder a problemática levantada pelo referencial teórico exposto, esta pesquisa tem como objetivo analisar a implementação de uma unidade didática para o ensino dos esportes, fundamentada em um livro do PNL, elaborado a partir das habilidades indicadas na BNCC para o 3º ano do Ensino Fundamental.

## **3 MÉTODO**

A presente pesquisa, de natureza qualitativa, será realizada conforme descrevem Bogdan e Biklen (1994). Para os autores, a investigação qualitativa possui cinco características: a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o pesquisador o instrumento principal; a investigação qualitativa é descritiva, ou seja,



os resultados escritos contém citações feitas com base nos dados, dando ilustrações e substâncias para a apresentação; os investigadores se interessam mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produto; a análise dos dados tem como tendência uma forma mais indutiva e, devido à essa característica, os investigadores qualitativos não recolhem dados e provas com o simples objetivo de confirmar ou informar hipóteses construídas previamente; e por fim, o significado é de importância vital na abordagem qualitativa, pois busca-se aprender sobre as diferentes perspectivas que indagam-se os participantes da pesquisa.

Dentro do universo das pesquisas qualitativas, esta pesquisa se caracteriza como uma “pesquisa-participante”, que está fundamentada pela interação entre o pesquisador e os membros das situações investigadas, com o intuito de transformar a realidade social em benefício dos participantes envolvidos (GIL, 2008).

Segundo Oliveira (2007), a pesquisa participante é um processo que perpassa a reflexão e análise da realidade, utiliza métodos e técnicas para a compreensão detalhada do objeto de estudo na sua dimensão histórica e/ou segundo sua estruturação.

Outras características desta pesquisa é que ela é situada na realidade concreta da vida cotidiana dos participantes, tanto de forma individual como coletivos. Os processos, as estruturas, as organizações e os diferentes sujeitos sociais devem ser contextualizados em sua dimensão histórica e, a relação de sujeito-objeto entre investigador-educador e os grupos populares, devem ser gradualmente convertida em uma relação do tipo sujeito-sujeito. Neste tipo de pesquisa não existe neutralidade científica e, menos ainda, em investigações vinculadas a projetos de ação social. A investigação, a educação e a ação social convertem-se em momentos metodológicos de um único processo dirigido à transformação social. (BRADÃO; BORGES, 2008).

### **3.1 Universo da pesquisa**

As informações apresentadas foram coletadas em uma Unidade de Ensino (U.E.), que atende alunos dos anos iniciais do ensino fundamental da cidade de Rio Claro, estado de São Paulo.



Sua estrutura física para as aulas de Educação Física são uma quadra poliesportiva descoberta, um pátio coberto, uma área gramada e uma área arborizada com superfície de areia.

Os materiais são escassos, contando apenas com algumas bolas de handebol, basquetebol, futebol/futsal, voleibol, cordas, coletes e cones. A escolha desta U.E. se justifica pelo fato de o professor/pesquisador fazer parte do quadro efetivo docente da mesma desde 2013.

### **3.2 Participantes**

Os participantes desta pesquisa foram 22 alunos do 3º ano do ensino fundamental, matriculados no período matutino no ano 2019. O critério utilizado para escolha dessa turma foi o fato de ser a única para qual o professor/pesquisador ministrou aulas ininterruptamente desde que ingressaram no 1º ano do Ensino Fundamental.

Os alunos participaram da pesquisa no momento de suas próprias aulas de Educação Física e a proposta deste estudo atendia a proposta curricular de educação do município de Rio Claro/SP, como também estava em consonância com o Projeto Político Pedagógico da escola. O conteúdo utilizado foi incluído no planejamento anual da disciplina para que os alunos não sofressem perdas com a execução da pesquisa.

### **3.3 Instrumentos**

Um dos instrumentos utilizado para a construção dos dados foi o diário de campo. Este instrumento se trata de um tipo de caderno de notas, em que o investigador escreve o que observa e que não é objeto de nenhuma entrevista. Através do dele pode-se utilizar de impressões pessoais, que se modificam com tempo, em conversas informais, observações de comportamentos contraditórios às falas, dentre outros aspectos. (MINAYO, 2014).

O diário de campo, cujas anotações eram feitas após o final de cada aula, contou com um roteiro semiestruturado (APÊNDICE C) para contemplar itens importantes como: mudanças de estratégias de ensino, objetivo da aula, participação dos alunos, recursos materiais utilizados, dentre outros aspectos (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

No final da unidade didática foi realizado um Grupo Focal (GF) com alunos selecionados pelo professor/pesquisador. Com relação ao GF, Trad (2009) afirma que se trata de uma técnica de pesquisa qualitativa derivada em entrevistas grupais, em que se coleta informações através de interações coletivas. O objetivo dessa estratégia é reunir informações sobre determinado tema, mediado por um moderador que tenha substancial conhecimento da temática trabalhada. No caso da presente pesquisa, o mediador foi o próprio professor/pesquisador.

Outras características importantes do GF citadas também por Trad (2009) são: espaços adequados e gravadores; número de participantes entre 6 a 15 pessoas; perfil dos participantes (que aqui foram os próprios alunos das aulas de Educação Física); seleção dos participantes (cujos critérios foram: alunos que não faltaram ou faltaram pouco durante a implementação da unidade didática e tiveram participação ativa nas aulas).

A sessão do GF foi realizada em uma sala de aula que contou com a participação de 10 alunos e registrada em áudio com anotações feitas pelo próprio mediador do grupo como sugere Gatti (2005).

A seleção dos alunos obedeceu aos critérios de assiduidade durante a implementação da UD e comprometimento efetivo durante as aulas. A sessão foi conduzida por meio de um roteiro previamente estruturado (APÊNDICE D), que abordava questões sobre o que os alunos aprenderam durante a unidade didática.

Segundo Minayo (2014) esse roteiro deve ter duas condições imprescindíveis que são: 1) ser suficientemente provocador ao ponto de criar um debate entusiasmado e participativo e; 2) promover condições de aprofundamento sobre a temática.

### **3.4 Procedimentos para a coleta e seleção de dados**

O desenvolvimento desta pesquisa se deu por meio da implementação de uma unidade didática baseada no tema esporte para turmas do 3º ano do ensino fundamental, proposto pelo livro didático “Práticas Corporais: Educação Física: 3º a 5º anos: manual do professor” da Editora Moderna (DARIDO *et al.*, 2017).

O material foi o escolhido pelos docentes de Educação Física juntamente com a equipe gestora da escola em questão para o quadriênio 2019/2022.

Segue a seguir o conteúdo proposto para o 3º ano do Ensino Fundamental para o tema esporte.

**Quadro 1 - Conteúdo proposto para 3º ano Ensino Fundamental**

Unidade didática	Habilidades	Objetos de conhecimento	Práticas Didático-pedagógicas
Esporte	<p>Experimentar e fruir diversos tipos de esportes de campo e de taco, rede/parede e invasão, identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e protagonismo.</p>	Esporte de invasão	<p><b>Tema 1</b> – Diferença entre jogo e esporte.</p> <p>Entender o que caracteriza uma prática corporal como jogo ou esporte, bem como a transformação de um jogo em esporte. Vivência do basquetebol e do basquetebol de cadeirantes.</p>
	<p>Diferenciar o conceito de jogo e esporte, identificando as características que os constituem na contemporaneidade e suas manifestações (profissional e comunitária/lazer)</p>		<p><b>Tema 2</b> – Esportes de invasão.</p> <p>Refletir sobre os esportes que envolvem invasão. Experimentar minijogos de futebol e handebol. Realizar jogos de futebol para meninos e meninas.</p>

Fonte: Adaptado de Práticas Corporais: Educação Física: 3º a 5º anos: Manual do professor

O conteúdo extraído do livro didático foi estruturado em uma sequência pedagógica, em que resultou em 8 aulas apresentadas nos quadros a seguir. 4 aulas para o primeiro tema e mais 4 aulas para o segundo tema.

**Quadro 2 - Descrição das aulas do conteúdo do tema 1: Diferenças entre jogo e esporte**

Aula	Atividades
<p><b>1: introdução ao conteúdo esporte</b></p>	<p><b>Parte inicial:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Conversa com os alunos, questionando o que sabem sobre as diferenças entre jogo e esporte;</li> <li>✓ Cópias das imagens proposta no livro e perguntas sobre quais são esportes e quais são jogos;</li> <li>✓ Discussão sobre o que é necessário para uma atividade seja considerada esporte;</li> </ul> <p><b>Discussão:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Análise e compressão do jogo e esporte como conteúdo da Educação Física escolar e suas distinções;</li> <li>✓ Jogo como ferramenta pedagógica para o ensino do esporte;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Transformação de alguns jogos em esportes como no caso da origem do voleibol e suas variações (vôlei de praia), assim como o handebol;</li> </ul>
<b>2: Basquetebol: do jogo à modalidade esportiva consagrada</b>	<p><b>Parte inicial:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Retomada de conceitos apresentados na aula anterior;</li> </ul> <p><b>Vivência:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Atividade 1: “<b>basquetebol: do jogo ao esporte</b>”. Objetivo: compreender o processo de transformação do jogo até a modalidade esportiva basquetebol. Experimentar movimentos do basquetebol;</li> </ul> <p><b>Discussão:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O processo de transformação que o jogo sofre ao incluir novos movimentos (passe e drible) e equipamento adequado aproximando-o das características do esporte.</li> </ul>
<b>3: Basquetebol para todos</b>	<p><b>Parte inicial:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Retomada da vivência anterior</li> <li>✓ Atividade 2: “<b>Surgimento de jogos e esportes</b>”. Objetivo: compreender a possibilidade do surgimento de novos jogos e esportes a partir de determinada modalidade esportiva.</li> </ul> <p><b>Vivência:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Atividade: “<b>Basquetebol para cadeirantes</b>”. Objetivo: Vivenciar o jogo adaptado para pessoas com deficiências de membro inferior.</li> </ul> <p><b>Discussão:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Quais foram as dificuldades encontradas na vivência; os direitos da pessoa com deficiência em praticar esporte.</li> </ul>
<b>4: Criação de uma história sobre evolução dos esportes</b>	<p><b>Parte inicial:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Recapitulação das aulas anteriores</li> </ul> <p><b>Avaliação:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Os alunos deverão escolher uma modalidade esportiva de uma lista escrita na lousa e criarão uma história sobre as alterações do jogo até se tornar um esporte. A atividade pode ser realizada por meio de desenhos e/ou pequenos textos informativos.</li> </ul> <p><b>Discussão:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Apresentação das produções e debate sobre o que aprenderam.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor

**Quadro 3 - Descrição das aulas do conteúdo do Tema 2: Esportes de invasão**

<b>Aula</b>	<b>Atividades</b>
<b>1: introdução aos esportes de invasão</b>	<p><b>Parte Inicial:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Retomada de conceitos apresentados nas aulas anteriores;</li> <li>✓ Apresentação de figura proposta no livro (futebol de campo com os jogadores e trio de arbitragem posicionados);</li> <li>✓ Questionamento através perguntas: esta figura representa qual modalidade esportiva? Esse posicionamento dos jogadores indica qual momento do jogo? Qual o objetivo de uma equipe ao invadir o campo defendido por outro? Quando é feito um gol no futebol? O que os atletas precisam fazer para tentar impedir que seu time sofra gols?</li> <li>✓ Apresentação dos elementos dos esportes de invasão;</li> </ul> <p><b>Vivência:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Atividade 1: “<b>Minijogos de futebol</b>”. Objetivo: Vivenciar jogos de futebol em campo reduzido. Entender a importância da invasão territorial.</li> </ul>
<b>2: minijogos de futebol e handebol</b>	<p><b>Parte inicial:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Retomada da atividade 1: “<b>Minijogos de futebol</b>”.</li> </ul>

	<p><b><u>Vivência</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Atividade 2: “<b>Minijogos de handebol</b>”. Objetivo: experimentar jogos de handebol em campo reduzido. Entender a importância da invasão territorial.</li> </ul> <p><b><u>Discussão:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Debate com os alunos sobre as atividades realizadas.</li> </ul>
<b>3: futebol é coisa de menina também</b>	<p><b><u>Parte inicial:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Retomada de alguns conceitos das aulas anteriores;</li> </ul> <p>Vivência:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Atividade: “<b>Jogos de futebol para meninas e meninos</b>”. Objetivo: discutir sobre a participação das mulheres no futebol.</li> </ul> <p><b><u>Discussão:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Reflexão da prática realizada.</li> <li>✓ Os alunos deverão perguntar a dois ou três amigos do bairro onde moram quais esportes eles conhecem e façam a anotação das respostas em uma folha, identificando-os como de invasão ou não.</li> </ul>
<b>4: pesquisa com amigos do bairro</b>	<p><b><u>Parte inicial:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Recapitulação das aulas anteriores</li> </ul> <p><b><u>Avaliação:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Elaboração de um quadro na lousa das respostas encontradas pelos alunos, que constem duas colunas: “esportes de invasão” e “outros esportes”.</li> </ul> <p><b><u>Discussão:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Correção necessária para o entendimento dos alunos sobre as modalidades esportivas pertencentes à categoria “esportes de invasão”.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor

As observações feitas durante essa etapa foram registradas no diário de campo durante e no final de cada aula e, no final da unidade didática, foi realizada uma avaliação em que os alunos pontuaram suas considerações sobre o conteúdo vivido através do GF. Esta fase é importante, pois foi possível ao professor/pesquisador coletar informações dos alunos sobre as suas impressões, considerações gerais e o que aprenderam durante a unidade didática.

Este projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Biociência da Unesp de Rio Claro com o número de protocolo de aprovação: 04612418.0.0000.5465.

Todos os pais e responsáveis legais pelos alunos receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), contendo as informações da pesquisa. Os alunos receberam e assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

A fim de evitar possíveis constrangimentos aos colaboradores da pesquisa, todos os participantes foram denominados de maneira anônima na apresentação e análise dos resultados.

### **3.5 Procedimentos para a análise de dados**

Essa etapa é fundamental para a pesquisa, pois o objetivo é de organizar e sumariar todos os dados para que forneçam respostas aos problemas que a investigação propõe. (GIL, 2008).

Os dados coletados foram analisados por meio da análise de categorias de codificação (codificação simples) proposta por Bogdan e Binken (1994). A análise segue as seguintes etapas:

- Leitura dos documentos: ler atentamente todos os dados coletados no diário de campo e no roteiro de observação feito durante as discussões do grupo focal;
- Codificação dos materiais: as observações serão etiquetadas para que possam encontrar os códigos, para serem visualizados em sua frequência de repetição em relação as atitudes, falas e comportamentos dos discentes;
- Categorização: a aglutinação dos códigos.

A primeira etapa constou em uma leitura minuciosa dos documentos coletados (diário de campo e grupo focal). Através deste procedimento, foi possível identificar as impressões iniciais dos materiais produzidos.

A segunda etapa, caracterizada por um período extenso, foi de etiquetagem dos códigos encontrados através das frequências das falas e dos comportamentos registrados daquilo que mais chamava atenção ao objeto da pesquisa. Segundo Bogdan e Binken (1994) é fundamental desenvolver uma lista de categorias de codificação e organizá-las. Este procedimento contou com planilhas digitais feitas no Excel para facilitar a visualização no momento das análises.

Foram feitas duas planilhas: a primeira referente aos registros do diário de campo, que foram produzidos pelo professor/pesquisador durante a implementação da unidade didática. A segunda se refere ao grupo focal, que foi gravado em áudio e transcrito posteriormente.

O processo de codificação passou por fases em que o conteúdo transcrito era lapidado. O quadro 4 demonstra um exemplo extraído do Diário de Campo. Começa com a transcrição dos dados na íntegra (fase 1), passando pelo processo de codificação nas (fases 2, 3), chegando à última (fase 4), quando emergiram os códigos finais. Foram atribuídas cores diferentes para cada tipo de código encontrado a partir da fase 3 no sentido de facilitar o processo de aglutinação.

Quadro 4 - Fases de Codificação (Diário de Campo)

Codificação	Diário de campo
<b>Dados na íntegra</b>	A aula foi muito interessante para todos. Os alunos se empolgaram e quando pegaram as regras começaram a se organizar para passar e receber a bola, além de ser uma atividade fácil de aplicar. As imagens ampliadas do livro ficaram um pouco destorcidas, mesmo assim deu para utilizá-las. No início da atividade os alunos tiveram um pouco de dificuldades de entender a dinâmica do jogo, precisou haver várias intervenções. O aluno G., por ser mais velho em relação ao restante da turma, concentrava o jogo para ele, dificultando a atividade para todos. Infelizmente não pode ser utilizado a bola de basquete para a atividade.
<b>Fase 1</b>	aula interessante empolgaram quando pegaram regras começaram organizar passar receber bola, atividade fácil aplicar. imagens ampliadas livro destorcidas, deu para utilizá-las. início alunos um pouco dificuldades entender jogo, haver várias intervenções. G., mais velho, concentrava jogo, dificultando atividade não utilizada bola basquete
<b>Fase 2</b>	aula interessante empolgaram quando pegaram regras começaram organizar passar receber bola, atividade fácil imagens ampliadas destorcidas, deu para utilizá-las. início pouco dificuldades entender jogo, várias intervenções. G., mais velho, concentrava jogo, dificultando atividade/ não utilizada bola basquete
<b>Fase 3</b>	aula interessante empolgaram/ pegaram regras começaram organizar passar receber bola/ atividade fácil/ imagens ampliadas destorcidas deu utilizá-las/ início pouco dificuldades entender várias intervenções/ mais velho concentrava jogo dificultando/ não utilizada bola basquete
<b>Fase 4</b>	compreensão do conteúdo / limitações pedagógicas / desinteresse dos alunos / conflitos nas aulas

Fonte: Elaborado pelo autor

Em seguida foi realizada uma releitura dos achados para verificar se a lista de códigos diferia ou não dos objetivos da investigação (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Para isto, foram feitas duas listas de códigos cada um em seu respectivo instrumento de produção de dados.

Como pode ser observado no quadro 5, foram encontrados 10 códigos no Diário de Campo e 12 no Grupo Focal.

Quadro 5 - Lista de códigos dos documentos

Diários de Campo	Grupo Focal
<p>Compreensão do conteúdo; Limitações pedagógicas; Desinteresse dos alunos; Conflitos nas aulas; Intervenções docentes; Recursos materiais apropriados; Facilidades pedagógicas do livro; Gênero e práticas corporais; Considerações dos alunos; Desempenho dos alunos.</p>	<p>Estrutura dos jogos; Estrutura dos esportes; Transformação de jogos em esportes; Exemplos de esportes de invasão; Conceitos de esportes de invasão; Estrutura ataque e defesa; Percepções sobre os conteúdos da aula; Direito dos cadeirantes; Importância da prática esportiva; Concepções sobre o gênero; Isonomia à prática esportiva entre homens e mulheres; Práticas corporais adaptadas.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

Na última etapa, aglutinou-se os itens evidenciados dos diferentes instrumentos utilizados com a finalidade de atender o princípio da triangulação dos dados. Com isto pode-se confrontar as informações que emergiram de diferentes fontes, e ao mesmo tempo possibilitar um olhar sobre o fenômeno por diferentes tipos de dados produzidos e analisados a partir dos documentos.

Após aglutinar-se todos os códigos que emergiram nos diferentes documentos, chegou-se à três grandes categorias com as respectivas subcategorias. Tal procedimento foi caracterizado pela união desses códigos que se aproximavam, por exemplo: a categoria "Análise e Compreensão" foi contemplada por sete códigos. Na segunda categoria, "Livro didático de Educação Física: limites e possibilidades", foram cinco códigos. Na terceira categoria "Construção de Valores" foram dez códigos.

Os resultados serão apresentados no quadro 6. As subcategorias em vermelho foram encontradas nos diários de campo, enquanto as subcategorias em preto foram encontradas no grupo focal.

Quadro 6 - Categorias de análise com os respectivos códigos

Categorias	Subcategorias
<p><b><u>Educação Física e Livro Didático: possibilidades e limites</u></b></p>	<p>Limitações pedagógicas; Intervenções docentes; Recursos materiais apropriados; Facilidades pedagógicas; Percepções sobre os conteúdos da aula.</p>
<p><b><u>Análise e compreensão</u></b></p>	<p>Compreensão do conteúdo; Estrutura dos jogos; Estrutura dos esportes; Transformação de jogos em esportes; Exemplos de esportes de invasão;</p>

	Conceitos de esportes de invasão; Estrutura ataque e defesa.
<u>Construção de valores</u>	Desinteresses dos alunos; Conflitos nas aulas; Gênero e práticas corporais; Considerações dos alunos; Desempenhos dos alunos; Direito dos cadeirantes; Importância da prática esportiva; Concepções sobre o gênero; Isonomia à prática esportiva entre homens e mulheres; Práticas corporais adaptadas.

Fonte: Elaborado pelo autor.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Educação Física, e a sua relação com os esportes, desvelaram ao longo de sua história diferentes formas de como ensinar a prática esportiva dentro e fora das escolas. Destacam-se neste período o modelo tradicional/tecnicista, as abordagens culturalistas e a Base Nacional Comum Curricular influenciada pelas tendências atuais da Pedagogia do Esporte. (DARIDO, 2003; DARIDO, RANGEL, 2005; GALATTI *et al.*; 2014).

Essas tendências atuais da Pedagogia do Esporte, em que muitos pesquisadores da área escolar buscaram fundamentação, permitiu uma visão mais abrangente sobre o conteúdo esporte e menos centralizada em um “fazer pelo fazer” descontextualizado. Isto possibilitou que as vivências esportivas tornassem em algo cheio de vida e sentido pois, a partir desta perspectiva, se revelou uma aprendizagem mais significativa que aproxima as experiências dos alunos do objeto de conhecimento a ser ensinado. Tudo isso, além de gerar atitudes positivas através dos conflitos e debates que a própria prática propicia. (BARROSO; DARIDO, 2009; DARIDO; SANCHES NETO, 2005).

As categorias analisadas perpassam por essas questões apresentadas anteriormente e vai além com outras na relação entre a EFE, o livro didático e o ensino dos esportes.

A primeira categoria, “Educação Física e o Livro Didático: possibilidades e limites”, se refere às limitações pedagógicas; as intervenções docentes; os recursos materiais apropriados para a prática; as facilidades pedagógicas encontradas; e as



percepções sobre os conteúdos que o livro prescreve no dia-a-dia da sala/quadra de aula.

Na categoria “Análise e Compreensão”, foram analisadas questões que envolvem a compreensão dos alunos em relação ao conteúdo; os conceitos por eles levantados sobre a estrutura dos jogos e dos esportes; os processos de transformação dos jogos em esporte; e o debate sobre as estratégias pedagógicas que livro aborda.

Finaliza-se com a terceira categoria “Construção de Valores”, a qual é discutido sobre a motivação dos alunos durante as aulas; os conflitos gerados pela prática; a temática sobre gênero sexuais e práticas corporais; e o direito dos cadeirantes a práticas adaptadas.

#### **4.1 Educação Física e Livro Didático: possibilidades e limites**

O livro didático provoca inúmeros debates em relação ao seu uso. Foi fortemente criticado por ter um conteúdo considerado acabado e dogmático; por possuir uma visão unidirecional sobre os conteúdos; fomentar posturas passiva dos alunos e não respeitar a aprendizagem no ritmo de cada um; conduzem à uniformização do ensino. Apesar destas críticas, este material atualmente é reconhecido por vários pesquisadores da área da educação como um valioso instrumento no processo de escolarização. (CHOPPIN, 2004; DARIDO *et al.*, 2010; RODRIGUES; DARIDO, 2011).

Muitos autores alegam que, quando usados de forma correta, os livros didáticos possibilitam estabelecer referências na tomada de decisões durante o processo de ensino e aprendizagem, nos planejamentos das aulas e nas formas de avaliar. Tudo isso sempre respeitando a autonomia dos professores e a especificidade do contexto em que vai ser utilizado, pois esses critérios são importantes para que o livro didático não se torne algo prescrito, em que não é analisado as condições do ambiente e as necessidades reais dos alunos. (DARIDO *et al.*, 2010)

As sugestões do livro Práticas Corporais (DARIDO *et al.*, 2017) possibilitou através de suas sugestões pedagógicas fazer com que o professor despertasse o interesse dos alunos sobre o conteúdo abordado em uma prática diferente daquela que estavam acostumados. Com isso provocou uma sensação de descoberta:



“então, assim, eu gostei porque a gente aprendeu coisas que eles não tentam passar, não tenta como passar, tipo: não fazem muito aqui no brasil, e inventar é bom, inventar jogos, criar” (ALUNO 4).

“também assim, a gente jogou esportes que a gente mal conhece e a gente aprendeu mais coisas novas” (ALUNO 1).

Nos registros dos diários de campo, também foi possível constatar esse interesse com relação as atividades propostas. Muitas atividades como os minijogos de futebol e handebol apresentou uma “nova versão” sobre a prática, sem ser aquele velho “rachão”. E sobre as questões da lógica interna, instigou os alunos sobre a possibilidade de uma modalidade poder ter a mesma ação motora parecida com outra.

“Acredito que por ser minijogos de futebol foi o que os motivou a princípio. Porém, também os alunos demonstraram muito interesse em saber o que seria os esportes de invasão. Por exemplo: ao comparar uma atividade com a outra, no caso minijogos de futsal, as quais os alunos estão mais familiarizados, com os minijogos de handebol, foi algo que fez muitos compreenderem as questões táticas; na solicitação da pesquisa com os amigos do bairro, que possibilitou maior contextualização do conhecimento aprendido na escola, e nas formas de avaliação, que poderiam ser feitas através de desenhos, facilitou os alunos se expressarem, principalmente os que ainda não estavam alfabetizados” (DIARIO DE CAMPO 5).

Essas são algumas “facilidades pedagógicas” importantes que são apresentadas no livro didático analisado. Estas facilidades vão desde a sugestão dos materiais que podem ser adaptados como as bolas de borracha em vez das bolas de basquete; a utilização de materiais reciclados (papelão ou garrafas pet); a linguagem sugerida para tratar com o aluno e até os meios avaliativos que foram simples e de fácil execução (desenhos e pesquisa com amigos do bairro).

O livro também apresenta uma sequência pedagógica que favorece tanto o ensino, quanto a aprendizagem dos alunos sobre os conteúdos. Estas sequencias vai desde atividades mais elementares como jogos em que apenas teriam que arremessar a bola no arco, até as discussões e práticas mais complexas como o basquetebol na quadra toda para discutir sobre a evolução dos esportes.



As bolas que variaram da de borracha até as bolas oficiais de basquete. Isto ajudou a compreender sobre o processo de evolução do esporte, pois um aluno, no meio da atividade, compreendeu e antecipou a intenção das trocas de bolas que era demonstrar o processo evolutivo do basquetebol (DIÁRIO DE CAMPO 2).

Porém, apesar das facilidades encontradas, algumas atividades dependendo o contexto em que vai ser aplicada torna-se importante a adaptação do conteúdo do livro didático, pois, assim que as estratégias e recursos sugeridos não sejam suficientes para a aprendizagem dos alunos, modificações deverão acontecer.

As adaptações são um fator importantíssimo na prática pedagógica quando se utiliza livros didáticos. Através delas permite-se “driblar” a realidade precária que prejudica a ação docente (RODRIGUES, DARIDO, 2011; IMPOLCETTO, 2012).

Essas adaptações, que pode se dizer que são os limites do livro didático, foi um dos grandes desafios no desenvolvimento deste trabalho. As difíceis condições impostas pela realidade da escola em muitos momentos, fizeram que as atividades fossem adaptadas. Um dos motivos foi a falta de materiais adequados (bolas, arcos, cones), pois os disponíveis apresentavam más condições.

A falta ou a precariedade dos materiais são um dos grandes obstáculos nas aulas de Educação Física e podem influenciar na sua qualidade, visto que comprometem seu desenvolvimento e restringem os alunos a apenas algumas vivências. (KRUG *et al.*, 2017; PRANDINA; DOS SANTOS, 2016; NOVAIS; AVILA, 2017).

A escola não possuía todos os materiais necessários para aula, porém consegui muito deles comprando-os, além do outro professor de educação física ter me emprestado alguns (DIÁRIO DE CAMPO 2)

Também houve adaptações de algumas atividades com materiais alternativos, como a improvisação das bolas de borracha e bolas de meias no lugar das bolas oficiais de basquete e handebol. Tais adaptações acabaram tornando-se interessantes, devido que as bolas oficiais são pesadas para alguns alunos do 3º ano, que não conseguiam trocar passes entre si ou arremessá-las na cesta, além de que essas bolas ocasionarem pequenas torções nos dedos das mãos.



O papelão foi o material utilizado para simular as cadeiras, foi de fácil acesso e deu para aproveitar para as outras turmas. As bolas de borrachas foram uma opção mais viável por serem mais seguras. O papelão é um material de fácil obtenção e a atividade não precisa necessariamente ser feita em quadra, pois sua aplicação é fácil em qualquer lugar que tenha uma superfície dura e com locais para pendurar os arcos (DIÁRIO DE CAMPO 3).

As imagens que o livro sugere também é algo a ser considerado como um fator limitador caso o professor não recorra a outras fontes de pesquisa além do livro didático. Muitas imagens quando ampliadas ficaram distorcidas, prejudicando a visualização. Em decorrência disso, muitas delas foram substituídas por outras semelhantes retiradas da internet para que não houvesse comprometimento do processo de ensino. É importante salientar que esta substituição é sugerida pelo livro didático “Práticas Corporais” (DARIDO *et al.*, 2017).

As imagens do livro não ficaram bem nítidas mesmo quando ampliadas e por isso foram substituídas por imagens semelhantes retiradas da internet. (DIÁRIO DE CAMPO 1).

Apesar desses limites encontrados, as possibilidades geradas pelo livro conseguiram um saldo positivo. Com isso, as vantagens foram mais significantes que as desvantagens, contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

A percepção final dos alunos em relação ao conteúdo vivenciado durante a implementação da unidade didática foi extremamente positiva. Nas considerações sobre o que acharam das aulas, muitos destacaram que gostaram do que aprenderam e relataram:

“Futebol foi ótimo, porque, assim: eu nunca joguei e percebi que é muito bom, agora eu acho que vou jogar sempre” (ALUNO 4).

“...foi uma experiência jogar esportes, porque eu nunca joguei e foi a primeira vez jogar esportes” (ALUNO 5).

Esse entusiasmo foi observado ao longo de toda a unidade didática. Essa condição foi alcançada devido à sensibilização provocada nos alunos por meio dos conteúdos abordados, e das estratégias de ensino utilizadas que correlacionaram o

conteúdo do livro com fatos de suas realidades, permitindo assim, consolidar uma aprendizagem mais significativa.

#### 4.2 Análise e compreensão

A Análise e Compreensão são dimensões do conhecimento relacionadas a fatos e conceitos. Elas abrangem as características e funcionamento das práticas corporais e o esclarecimento do processo de inserção destas práticas no contexto sociocultural. Enquanto a análise reúne um rol de conhecimento que permite classificar os esportes, os sistemas táticos e os efeitos do exercício físico no desenvolvimento de uma capacidade física, a compreensão reúne saberes que permitem entender como as práticas corporais se posicionam no mundo através de visão ética e estética, a época em que a sociedade as gerou e modificou, além dos motivos da sua produção, transformação e vinculação local, nacional e global. (BRASIL, 2017b).

A unidade didática implementada e avaliada, que foi orientada a partir da obra “Práticas Corporais: Educação Física: 3º e 5º anos: manual do professor” (DARIDO *et al.*, 2017) possuía uma divisão de dois temas para o conteúdo esportes no 3º ano do ensino fundamental. O primeiro é relacionado às diferenças entre jogo e esporte, e o segundo sobre os esportes de invasão.

Os alunos demonstraram o entendimento dos temas apresentados através de suas falas que foram registradas nos GF e nas avaliações sugeridas no livro no final de cada tema.

Através destes instrumentos, pode ser verificado que, ao longo das aulas, muitos alunos conseguiram classificar os esportes de acordo com sua lógica interna e os correlacionarem a fatos vivenciados em realidade social. As estratégias pedagógicas indicadas no livro possibilitou apresentar e discutir o conteúdo por meio do cotidiano dos alunos, como por exemplo, a imagem do jogo queimada com crianças participando como se fossem na escola, o futebol de campo com jogadores conhecidos, a “pelada” em um campinho de várzea como encontradas no bairro da comunidade, entre outros.

A maioria dos alunos relataram ao verem as imagens que teriam praticado algo semelhante em algum momento de suas vidas. Também comentaram que já tinham

visto na TV a imagem de uma partida de futebol profissional, e citaram jogadores importantes de times famosos do Brasil e da Europa.

“eu gostei bastante das aulas, além do mais eu gosto bastante de esportes, então eu achei bem bacana. Eu jogo futebol na minha rua com meus amigos (ALUNO 7).

...alguns conseguiram exemplificar os tipos de esportes como: basquete, vôlei, futebol. Eles conseguiram dar alguns exemplos de jogos como queimada e até o exemplo da “pelada”, que muitos disseram já praticarem no bairro onde moram, ajudou a compreender que se tratava de um jogo esportivo e não o esporte em si... (DIÁRIO DE CAMPO 1).

Ao serem questionados sobre a diferença entre ambas as práticas corporais apresentadas sobre o futebol (pelada e futebol de campo profissional), muitos relataram que o futebol profissional difere dos jogos esportivos praticados na escola, devido que a forma profissionalizada integra confederações e federações, possuem regras oficiais, número determinado de jogadores, trio de arbitragem oficial, além de exigir o rendimento máximo dos praticantes. Estas diferenças apresentadas pelos alunos são semelhantes as diferenças entre jogo e esportes defendido por vários autores. (BRACHT, 1989; BRACHT, 2000; DARIDO, RANGEL, 2005; VAGO, 1996).

“Os jogos você pode mudar várias coisas, o esporte tem que fazer com as regras certas, tem que ter as regras certas.” (ALUNO 5).

“Os esportes têm que ter o campo certo e o árbitro, e o jogo não. Aí você pode mudar a regra.” (ALUNO 3).

“Os esportes têm que ter a bola o campo... O jogo você não pode ter muita coisa, ele muda a regra e no esporte não muda” (ALUNO 8).

“O jogo, para ser esporte, ia ter que ter um campo certo o ia ter que ter gol, o ponto, ter que ter o juiz, a quadra certa, a bola certa” (ALUNO 2).

“Tinha que ter, mais jogadores, jogadores sentados, se um machucasse o outro ia no lugar dele” (ALUNA 4).

O conceito de jogo indicado no livro, que aparece também nas falas dos alunos, está em consonância com o conceito apresentado na BNCC: trata-se de uma atividade voluntária, dentro de limites de tempo e espaço preestabelecidos, com regras criadas ou alteradas pelos praticantes e obedecida por eles (BRASIL, 2017b).



A transformação do jogo em esporte, processo importante para a contextualização histórica/social, ficou evidente na atividade “Basquetebol: do jogo ao esporte”. Essa atividade, começou com os alunos enfileirados lançando bolas de borrachas em arcos que eram segurados por outros alunos, em seguida foram incluídas regras como o estabelecimento de pequenos grupos que disputavam a bola para lançar no arco amarrado no travessão do gol; a bola de borracha foi substituída pela bola de basquete; o arco passou a ser a tabela oficial e assim por diante.

No final, esta atividade se transformou em uma versão a mais próxima do esporte basquetebol, na qual os alunos divididos em equipes utilizavam o espaço da quadra toda, driblando e arremessando as bolas nas tabelas de seus respectivos adversários. Todo esse processo ajudou os alunos a constatarem a evolução do esporte ao longo do tempo.

“...Se você quiser transformar o jogo em esportes você tem que colocar as regras certas, o lugar certo, e tudo certo tipo: tem que ter juiz, a bola certa...”. (ALUNO7).

...uma aluna muito tímida, que não conseguia se expressar nas aulas anteriores e até mesmo na aula com a professora polivalente, se expressou e deu até exemplos sobre a atividade, demonstrando que gostou e entendeu a atividade. (DIÁRIO DE CAMPO 2).

Os alunos entenderam, em sua maioria, como seria a avaliação. Muitos, durante o processo de criação, vieram mostrar o que tinham feito. Criaram narrativas de jogos, a qual foram acrescentados de regras até tornarem-se esportes (DIÁRIO DE CAMPO 4).

Dando continuidade à unidade didática, no segundo tema foi apresentado o conceito e atividades sobre os esportes de invasão. Os alunos vivenciaram minijogos de futebol e de handebol. Muito deles conseguiram exemplificar de forma sintética como seria a definição deste tipo de esporte através de sua lógica interna:

“...O futebol ele é um esporte de invasão porque a gente tem que atravessar pra fazer o gol no outro time” (ALUNO 5).

“O esporte de invasão, você que está com a bola, você tem que ir pro outro lado, que você tem que marcar o ponto, pode ser tipo: basquete, futebol” (ALUNO 7).



“Esportes de invasão, ele é assim: se você vai jogar futebol, futebol é um esporte de invasão porque você vai ter que ir no outro time para fazer o gol” (ALUNO 4).

Durante a análise foi apresentada uma figura sugerida pelo livro que mostra o posicionamento dos jogadores durante o início da partida de futebol, com jogadores e o trio de árbitros. Para demonstrar compreensão sobre a figura, eles utilizaram vários termos para explicar o que seria defesa e ataque como: tomar a bola (defesa), goleiro espalmar (defesa), driblar (ataque), passar a bola (ataque). Os alunos conseguiram fazer uma relação de outros esportes de invasão através do exemplo do futebol.

Os alunos ficaram bem atentos as explicações durante a parte conceitual. A figura utilizada foi a mesma do livro que mostra o posicionamento de jogadores durante o início da partida de futebol com jogadores e o trio de árbitros. Eles utilizaram vários termos para explicar o que seria defesa e ataque como: tomar a bola (defesa), goleiro espalmar (defesa), driblar (ataque), passar a bola (ataque). Conseguiram também fazer uma relação de outros esportes de invasão através do exemplo do futebol como: basquete, futebol americano, handebol, hóquei (DIÁRIO DE CAMPO 5).

As definições apresentadas pelos alunos se assemelham das definições encontradas na literatura atual sobre a lógica interna dos esportes de invasão, ou seja, invadir o campo adversário, com o intuito de atingir a meta do mesmo e concomitantemente defender a sua meta dos ataques adversários (GONZÁLEZ, 2004; BRASIL, 2017b).

Os alunos demonstraram muito interesse com relação às atividades dos minijogos. Por ser uma atividade que remete ao futebol, algo tão presente no cotidiano deles, a motivação foi grande. Nos registros dos diários de campo, é possível constatar o interesse dos alunos nas atividades em geral e uma participação ativa ao longo das aulas.

Durante a atividade prática, os alunos por terem vivenciados os minijogos de futebol na aula anterior, já tinham um esquema de como seria a atividade dos minijogos de handebol. Eles fizeram as atividades de forma fácil, sem maiores complicações. Durante a parte conceitual, na qual foram apresentadas algumas imagens de outros esportes de invasão, os alunos



reconheceram os esportes classificando-os como de invasão. Eles deram exemplos, e conceituaram o que com seriam estes esportes, foi muito bom. Durante a atividade prática, alguns alunos ficaram na dúvida sobre algumas regras, mas especificamente sobre se poderiam andar ou não com a posse de bola. Pedi que quando estivessem com a posse de bola, o aluno com ela não poderia andar carregando-a, ou driblava ou passasse a mesma (DIÁRIO DE CAMPO 6).

Os conceitos e as práticas sugeridas pelo livro “Práticas Corporais: Educação Física: 3º e 5º anos: manual do professor” (DARIDO *et al.*, 2017) sobre as diferenças entre jogos e esportes e os esportes de invasão, se demonstraram como conteúdo referencial muito bom para a prática docente de EFE, por meio dos quais foram debatidas perspectivas atuais da pedagogia do esporte. Isso ficou claro nos registros apresentados tanto nos diários de campo quanto no GF, onde os alunos relataram os conceitos apresentados a eles, exemplificando-os através de suas falas. Os registros dos alunos se aproximam dos conceitos apresentados na literatura sobre a temática em questão.

É importante ressaltar que em toda unidade didática verificou-se maior quantidade de propostas para a dimensão do conhecimento análise em detrimento da compreensão. Tal recorrência deve-se ao fato de que com os alunos menores a dimensão da compreensão é mais difícil de ser desenvolvida, o que vai ocorrer com mais facilidade especialmente a partir dos anos finais do Ensino Fundamental e Médio.

González e Fensterseifer (2010) indicam que, a dimensão referente às possibilidades do se-movimentar, como a experimentação, são dadas particularmente às crianças, ou seja, que ela é priorizada já no início da vida escolar dos alunos em relação às outras dimensões. A dimensão, que se refere aos estudos das práticas corporais sistematizadas - compreensão - pode ser vivenciada com maior ênfase posteriormente, quando do ponto de vista cognitivo, os alunos têm maiores condições de entender as influências históricas e sociais que atuam nos diversos esportes e demais conteúdos da CCM.

Assim, atividades que são propostas pelo livro didático Práticas Corporais (DARIDO *et al.*, 2017) para o 3º ano do Ensino Fundamental, priorizam a dimensão

de análise devido ao momento em que os alunos se encontram, permitindo-lhes maior capacidade de compreender e assimilar o conteúdo proposto.

### 4.3 Construção de valores

A construção de valores refere-se aos conhecimentos oriundos de discussões e vivências no contexto em que as práticas corporais são tematizadas. Essa dimensão permite uma aprendizagem de normas e valores direcionadas ao exercício da cidadania e na construção uma sociedade mais democrática e justa.

Apesar que, durante os processos de socialização são partilhados valores tanto positivos quanto negativos na construção de uma identidade moral e ética das mais variadas estruturas sociais, essa dimensão do conhecimento visa construir valores que respeitem às diferenças, combata os preconceitos imbuído culturalmente nas pessoas e que busque superar a visão estereotipada das práticas corporais moldadas ao longo dos anos pelos padrões considerados “ideais”. (BRASIL, 2017b).

A normatização dos conteúdos disciplinares colocou a EFE, por um longo período até a LDB de 1996, como apenas uma atividade curricular no interior das escolas. Porém, atualmente, a EFE é creditada no currículo das escolas como um componente que integra o rol de disciplinas escolares. (LDB/BRASIL, 1996; DARIDO; RANGEL, 2005)

Para que isso pudesse acontecer, a área precisou construir um saber que superasse a visão ultrapassada de que a área possuísse apenas um “fazer pelo fazer”, desprovida de um conteúdo teórico sobre a CCM. Com a tentativa de quebrar com este paradigma histórico, buscou-se fomentar nos alunos um conhecimento mais complexo, crítico e reflexivo sobre os jogos, brincadeiras, esportes, danças e lutas. (LDB/BRASIL, 1996; FENSTERSEIFER; GONZÁLEZ, 2013).

Esta estrutura mais aprofundada sobre os vários aspectos da CCM, faz com que a EFE encontre muitos desafios para seu pleno desenvolvimento como: a precarização da infraestrutura escolar e de seus recursos materiais; a desmotivação e indisciplina do aluno; o isolamento docente; a inexperiência profissional de muitos professores e a desvalorização da disciplina dentro da própria escola. (KRUNG *et al.*, 2017; PRADINA; DOS SANTOS, 2016).



Durante a implementação da unidade didática investigada, foram constatados alguns desses desafios citados anteriormente, principalmente nos alunos. Estas “barreiras” demonstraram que muitos carregam em si um forte teor competitivo na prática dos esportes, valorizando os mais habilidosos e excluindo os demais.

Esta super valorização remete-se a ideia defendida pelo modelo tradicional/tecnicista que evidencia os mais habilidosos em detrimento aos que não apresentassem o mesmo rendimento. Este modelo, que foi base durante o período esportivista da EFE, priorizou a seleção dos alunos que apresentassem melhor performance, com a intenção de representar a escola em competições ou até mesmo em formar atletas profissionais. (BRACHT, 1997; DARIDO; SANCHES NETO, 2005).

Uma das atividades sugeridas pelo livro e vivenciada pelos alunos, que reporta o processo de evolução do basquete desde um jogo esportivo até a modalidade esportiva consagrada, revelou as dificuldades citadas anteriormente, na qual muitos alunos alegavam que os mais habilidosos não passavam a bola, dominando as ações do jogo.

"Um aluno, retido do ano anterior e que hoje está na sala com esta turma, é maior que os alunos. Devido a sua vantagem física, não passava a bola para os demais colegas, além de dar entradas mais duras nos outros alunos. Solicitei neste momento que ele seria o árbitro da partida. Também destaco que os mais habilidosos querem tomar conta da atividade, dominando as ações do jogo" (DIÁRIO DE CAMPO 2).

Outro Fato também importante registrado nesta aula foi o comportamento das meninas. Muitas delas pareciam não querer participar da atividade, permanecendo paradas em quadra. Algumas reclamavam que os meninos não passavam a bola para elas.

Nesse momento, foi necessário o estabelecimento de um combinado entre eles, que foi mediado pelo professor. O combinado estabeleceu que a bola deveria ser intercalada entre meninos e meninas. Depois disso o problema foi solucionado momentaneamente como observa-se nos fragmentos do diário de campo:

Alguns alunos durante a atividade prática reclamaram que as meninas não queriam participar e que ficaram paradas. Elas alegavam que os meninos não passavam a bolas. Perguntei o que poderia ser feito. Decidimos que



precisava intercalar os passes entre meninos e meninas (DIÁRIO DE CAMPO 5).

Como relatado anteriormente, as meninas tiveram a participação questionada pelos meninos e elas disseram que os meninos não passavam a bola. Mas o problema foi solucionado através de um combinado. (DIÁRIO DE CAMPO 5).

Dificuldade também observada nas aulas, foi a forma que muitos alunos encontraram para burlar as regras do jogo para obter vantagens. Muitos quebravam as regras como andar com a bola de basquete sem driblar, além de não passar de forma intercalada como combinado anteriormente. Nessas ocorrências, o professor sempre intervia na atividade para debater o problema e questionava os alunos na busca para melhor solução do problema, mesmo que ela fosse momentânea.

Grande parte dos alunos, de modo geral, encaram as regras de um jogo como uma grande imposição normatizadora. As regras são fundamentais para o exercício da cidadania e a construção moral dos alunos. Alguns autores descrevem que através do respeito daquilo que é combinado anteriormente, faz com que os alunos reflitam e conscientizem sobre a importância de um código de conduta que normatizem as relações dentro de um determinado contexto. Desta maneira, eles poderão vivenciar as atividades em sua totalidade, respeitando os colegas e seus oponentes. (CAETANO, 2014; MOLINA; FREIRE; MIRANDA, 2015).

Outro aspecto também relevante nas dificuldades encontradas, foi o desinteresse de determinados alunos, pois, ficou evidente que a desmotivação surgiu durante as explicações teóricas realizadas em sala de aula:

A maioria, aparentemente, se apropriou do conteúdo e não reclamavam que queria uma prática no momento da explicação, além dos exemplos citados por eles terem ficado claros. Alguns alunos se dispersaram e ficaram poucos atentos durante a explicação teórica com conversas paralelas, atrapalhando a aula (DIÁRIO DE CAMPO 1).

Muito desse comportamento dos alunos vem da ideia de que a EFE é uma disciplina exclusivamente prática, pois, as aulas anteriores a essa unidade didática tinham, de fato, mais propostas de vivências e isso também faz parte da visão que os alunos e a sociedade esperam a EF. Para muitos autores, isto ocorre porque durante um longo período a disciplina foi considerada por um longo período como



essencialmente prática, descompromissada dos aspectos teóricos (DARIDO; RANGEL, 2005; MACHADO; BRACHT, 2016; LORO; PIMENTEL, 2016).

Dando prosseguimento à categoria construção de valores, as temáticas sobre as questões de gênero permearam as aulas da unidade didática em vários momentos. Surgiram tanto de forma espontânea, principalmente quando os meninos se negavam passar a bola para as meninas; quanto em momentos em que foram provocadas intencionalmente, ao se debater sobre a participação das mulheres no futebol e no esporte em geral.

Gênero são construções sociais e históricas sobre aquilo que é determinado como algo masculino e feminino dentro da sociedade. Enquanto o sexo se refere às questões anátomo-fisiológicas do corpo, gênero se relaciona com a visão social e cultural sobre os corpos. Essa concepção tenta romper com a ideia de que as diferenças entre homens e mulheres estariam ligadas à sua natureza, praticamente imutáveis. Esta ideia privilegia historicamente homens, muitas vezes de forma velada e estrutural, na oferta de melhores oportunidades na sociedade (GOELLNER, 2005; PCN/BRASIL, 1997).

As aulas de EFE podem se tornar, em determinados momentos, espaços de elaboração e discussão das identidades de gênero nas práticas corporais. Durante esses momentos, os professores devem proporcionar a coeducação para problematizar as questões de gênero apontando sempre para a melhor forma de convivência entre meninos e meninas. Através desta visão, professores devem privilegiar em suas aulas a mistura dos gêneros, evitando atividades de meninos contra meninas (JESUS; DEVIDE, 2006).

Na história da disciplina, houve uma tradição na separação das aulas pelo sexo, a principal justificativa centrava-se no fato de que as atividades consideradas masculinas eram muito agressivas para serem praticadas pelas meninas. Atualmente, esta separação não é recomendada pelos estudiosos da área, porém não significa que não aconteça, pois muitas escolas ainda o fazem (JESUS; DEVIDE, 2006, CASTELLANI FILHO, 1988; DARIDO, RANGEL, 2005).

É importante ressaltar que participação entre os gêneros masculino e feminino nas aulas de Educação Física ainda é desigual, pois muitos se apoiam em uma visão que coloca as meninas como menos habilidosas (UCHOGA; ALTMANN, 2016).



Na parte em que as questões de gênero foram feitas de forma intencional através da atividade “Futebol também é coisa de menina”, houve a discussão sobre a participação das mulheres no futebol feminino como relatado no diário de campo. Nesta atividade ficou evidente que as oportunidades que os meninos têm ao longo de sua vida, geram mais domínio técnico e táticos das ações do jogo:

Na atividade pratica, optei em fazer o futebol separados, meninos contra meninos e meninas contra meninas, assim como sugere o livro, os meninos não tiveram muitas dificuldades em realizar a atividade, porém as meninas fizeram, mas apresentaram um jogo mais anárquico, ou seja, todas correndo atrás da bola ao mesmo tempo, apenas uma aluna, que normalmente joga com os meninos, teve mais habilidade em jogar futebol, tanto que ela fez dois gols na partida (DIÁRIO DE CAMPO 7).

Muitos alunos também relataram sobre suas visões e percepções do futebol feminino. Debateram sobre aspectos como a influência da mídia, as diferenças físicas e preconceito vivido no cotidiano:

Na parte teórica, os alunos foram indagados sobre questões relativas ao futebol feminino. Alguns deles disseram que conheciam alguns times, mas a maioria não respondeu. Quando questionados sobre o porquê dos canais de televisão transmitem poucas partidas de futebol feminino, eles alegaram a princípio que o motivo seria que os meninos são mais habilidosos e fortes que as meninas. Depois eles foram questionados sobre se as meninas poderiam praticar futebol, a maioria concordou que sim. Eles falaram que as pessoas precisam fazer o que gostam. Uma aluna que apresenta mais habilidade em jogar futebol, falou que alguns meninos dizem que ela é “menino”, pois ela joga futebol. No final, eu ressaltai a importância do futebol feminino e que as pessoas precisam fazer aquilo que elas gostam, combatendo o preconceito (DIÁRIO DE CAMPO 7).

Durante o GF, o debate sobre as questões de gênero se pautou sempre pelo respeito entre meninos e meninas, na valorização das diferenças e na reflexão sobre o direito que todos tem as práticas corporais, especialmente, nesse caso, o esporte.

“Todo tem direito iguais porque não importa qualquer um pode jogar, se ela quiser ser uma jogadora ela pode é só correr atrás e é isso” (ALUNO 4).

“As meninas têm o direito de jogar, não só porque ela é menina que ela não pode jogar. Tipo: ela é sensível e não pode jogar, não é assim, todo mundo tem direito...” (ALUNO 7).

Essa visão do corpo feminino como algo sensível, e até mesmo frágil, foi defendida no período higienista e militarista da Educação Física, nos quais a menina e futura esposa e mãe era responsável por cuidar dos afazeres domésticos e gerar os filhos da pátria, que serviriam a nação posteriormente (CASTELANI FILHO, 1988; DARIDO, 2003; DARIDO, RANGEL, 2005).

Sobre as práticas corporais adaptadas, foi discutida nas aulas a prática do basquetebol para cadeirantes conforme previsto no livro didático (DARIDO *et al.*, 2017). Os alunos vivenciaram uma atividade específica, na qual cadeiras de rodas eram simuladas por meio de pedaços de papelão. Foram colocadas algumas regras importantes como: para se deslocar era permitido levantar-se e andar, levando consigo apenas pedaço de papelão sem a posse de bola; e para receber, passar e arremessar era necessário ficarem sentados sem se locomover.

No final da aula, quando questionados sobre se a atividade “normal” era mais fácil ou difícil que a adaptada, todos concordaram que a segunda era mais difícil, assim como a vida e o dia-a-dia dos cadeirantes. As respostas relatadas no GF sempre se pautaram nos direitos das pessoas com alguma deficiência em praticar atividades físicas:

“Se um cadeirante quer jogar basquete ele pode, se um cadeirante quiser jogar um basquete ele pode porque ele tem o direito” (ALUNO 8).

“Além disso, os cadeirantes precisam praticar esportes que eles querem. Tem que ir lá e falarem para aqueles que não querem que eles joguem, que qualquer um pode jogar” (ALUNO 4).

O aluno 1 comentou também durante a sessão do GF sobre a igualdade de condições que é necessária na prática esportiva com pessoas deficientes:

“As pessoas elas podem jogar, mas a primeira coisa, se uma pessoa é cadeirante, você vai ter que jogar no time igual ela, igual como jogamos com as caixas, se uma pessoa for cega, a gente vai pôr a venda em todo mundo e brincar tipo de cobra-cega todo mundo” (ALUNO 1).

O Estatuto da Pessoa com Deficiência assegura que a educação é um direito dos deficientes e portadores de necessidades especiais para toda vida, nos mais variados níveis de aprendizado do ensino formal, pois através dessa garantia visa alcançar o máximo desenvolvimento dos talentos e habilidades nas mais variadas possibilidades sensoriais, intelectuais, sociais e físicas, respeitando sempre suas características, interesses e necessidades de aprendizagens (EPD/BRASIL, 2015).

O livro didático “Práticas Corporais: Educação Física: 3º e 5º anos: manual do professor” (DARIDO *et al.*, 2017), fez com que ao longo da UD surgissem inúmeras discussões sobre construção de valores que precisaram ser debatidas com os alunos. Nas atividades em que o tema foi intencionalmente proposto, o livro contribuiu com sugestões de vivências que extrapolaram a visão esportiva para além das quadras e campos. A transversalidade dos temas futebol para mulheres e as práticas esportivas para cadeirantes, possibilitou aos alunos discutir sobre inclusão, diversidade e respeito às diferenças físicas e pessoais de cada pessoa. Isso foi constatado tanto nos diários de campo, quanto nos relatos do GF, alguns demonstrados anteriormente.

O livro contempla a dimensão da construção de valores conforme descrito na BNCC ao vincular, contextualizar e propor vivências direcionadas à uma aprendizagem de valores e normas voltadas ao exercício da cidadania em prol de uma sociedade democrática e justa. Como também, assegurar a superação de estereótipos e preconceitos expressos nessas práticas (BRASIL, 2017b).

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a implementação de uma unidade didática para o ensino dos esportes, fundamentada em um livro do PNLD, elaborado a partir das habilidades indicadas na BNCC para o 3º ano do Ensino Fundamental.

Para atingir o objetivo proposto, foi implementada pelo próprio professor/pesquisador uma unidade didática para o ensino do esporte, sugerida no livro didático “Práticas Corporais: Educação Física: 3º a 5º anos: Manual do professor” (DARIDO *et al.*, 2017). A unidade didática escolhida foi para os 3º anos do ensino fundamental.

Os objetivos definidos pelo livro didático, fundamentados nas habilidades indicadas pela BNCC presentes na unidade didática, são coerentes com os resultados alcançados e apresentados neste estudo. Os alunos, em sua maioria, compreenderam os conceitos, através de exposições de figuras e imagens que mostravam as diferenças entre jogo e esporte e entre as modalidades esportivas consideradas de invasão e em relação a outros tipos de modalidades.

Durante as aulas e por meio do GF observou-se que os alunos, em sua maioria, apresentaram as diferenças entre jogo e esporte através de suas falas, dando vários exemplos, além de conceituar cada uma dessas práticas. Também conseguiram expor o conceito dos esportes de invasão - o qual implica em invadir o campo adversário com o intuito de atingir a meta do mesmo e concomitantemente defender a sua meta - conceito fundamentado nos princípios da lógica interna dos jogos esportivos vivenciados ao longo da UD, como também exemplificar vários tipos de modalidades esportivas de invasão.

As estratégias sugeridas pelo livro permitiram aos alunos vivenciar jogos relacionados à modalidades esportivas consideradas de invasão, como indicado pela BNCC, sem se limitar apenas no ensino da técnica ou do gesto esportivo especializado, apresentando uma proposta que traz questões situacionais reais dos jogos que se aproximam da realidade caótica dos esportes.

Observou-se que as estratégias sugeridas pelo livro rompem com a visão tradicional do ensino dos esportes, que objetiva a repetição do gesto esportivo e a fragmentação das modalidades em fundamentos. A obra em questão propõe a utilização dos jogos não apenas como conteúdo, mas também como uma estratégia de ensino.

Também se constatou que ao longo da unidade didática que maior ênfase foi atribuída à dimensão da análise em comparação com a dimensão da compreensão. Tal fato relaciona-se à faixa etária dos alunos do 3º ano (aproximadamente 8 anos), para os quais a análise dos esportes, referente à elementos como a classificação e conceituação, é mais factível do que a compreensão sobre as condições e os contextos nos quais esses esportes são produzidos e praticados. Pela proposta da BNCC (BRASIL, 2017b) os alunos terão contato com o conteúdo esporte de invasão em outros momentos no processo de escolarização, onde terão a chance de discutir sobre eles de forma mais aprofundada e complexa.



Outro ponto interessante foram as discussões dos temas considerados “Construção de Valores” que a vivência esportiva proporciona. Essas temáticas emergiram tanto de forma espontânea, devido aos conflitos gerados pela própria prática, que são carregados de informações oriundas das vivências que os alunos trazem de suas experiências anteriores; quanto de forma intencional, quando foram propostas as atividades que discutiam as questões de gênero, relacionadas, por exemplo, ao debate sobre a prática do futebol por mulheres e a prática esportiva pelos cadeirantes.

Quando esse assunto surgiu de maneira espontânea durante as atividades, alguns alunos questionaram a presença das meninas, principalmente durante a prática do futebol. Eles alegaram que as meninas “atrapalhavam” a prática. Elas argumentaram que os meninos não passavam a bola, dominando as ações do jogo. Tais ocorrências foram debatidas quando apareciam para que os alunos se conscientizassem sobre a importância do respeito às diferenças.

Quando os temas referentes à “Construção de Valores” foram apresentados e vivenciados de forma intencional, os alunos debateram de forma positiva, em favor da inclusão social e o respeito pela diversidade, combatendo o preconceito e na busca da igualdade de condições para as minorias discutidas.

Porém, é importante ressaltar que, como grande parte dos livros didáticos, esse também possui algumas limitações. O material precisa ser adaptado à realidade em que será utilizado para que contemple os alunos e a escola. Essas realidades podem destoar das estratégias sugeridas pelo livro e os professores poderão enfrentar alguns obstáculos na sua aplicabilidade como, por exemplo, a falta de materiais e/ou sua precarização.

Por fim, espera-se que de alguma forma o estudo contribua para o aprimoramento do livro didático ou para o conhecimento dos docentes que farão uso dele no ensino dos esportes nas aulas de EFE.

Conclui-se que unidade didática implementada e avaliada, baseada no livro didático “Práticas Corporais: Educação Física: 3º a 5º anos: Manual do professor” (DARIDO *et al.*, 2017), apresentou uma estrutura pedagógica viável para o ensino e aprendizagem dos esportes para os alunos do 3º ano do ensino fundamental, pois além de romper com a visão tradicional do ensino do esporte, possibilitou relacionar o



conteúdo com a realidade dos alunos, a análise e compreensão de conceitos e a construção de valores para a cidadania crítica e reflexiva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROSO, André Luís Ruggiero; DARIDO, Suraya Cristina. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, PR, v. 20, n. 2, p. 281-289, 1 jul. 2009. Universidade Estadual de Maringá. <http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v20i2.3884> 3884.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. 12. ed. Porto, POR: Porto Editora, 1994. 336 p.
- BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, RS, v. 6, n. 12, p. 14-24, 23 out. 2000. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.2504>
- BRACHT, Valter. Esporte, estado, sociedade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, SP, v.10, n.2, p. 69-73, jan. 1989.
- BRASIL. Edital nº 01/2017, de 27 de julho de 2017. **Edital de Convocação Para O Processo de Inscrição e Avaliação de Obras Didáticas Para O Programa Nacional do Livro e do Material Didático PNLD 2019**. Brasília, DF, 27 jul. 2017a.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm)>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017b. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192). Acesso: 18 abr. 2019.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAETANO, Alessandra. O jogo nas aulas de educação física e suas implicações no desenvolvimento moral. **Pensar A Prática**, Goiânia, GO, v. 17, n. 3, p. 783-799, 9 set. 2014. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v17i3.25850>.
- CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, [S.L.], v. 30, n. 3, p. 549-566, dez. 2004.
- DARIDO, Suraya Cristina *et al.* **Práticas Corporais**: educação física: 3º e 5º anos: manual do professor. São Paulo, SP: Moderna, 2017. 200 p.
- DARIDO, Suraya. Cristina. **Educação Física na escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, Suraya Cristina *et al.* Livro didático na Educação Física escolar: considerações iniciais. **Motriz-revista de Educação Física**. Rio Claro: Univ. Estadual Paulista-UNESP, Inst. Biociências, v. 16, n. 2, p. 450-457, 2010.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL. Irene Conceição Andrade. **Educação física na escola: Implicações para a Prática Pedagógica**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, Suraya Cristina; SANCHES NETO, Luiz. **O Contexto da Educação Física na Escola**. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Desafios da legitimação da educação física na escola republicana. **Horizontes**, Dourados, MS, v. 2, n. 1, p. 33-42, dez. 2013.

GALATTI, Larissa Rafaela *et al.* Pedagogia do Esporte: tensão na ciência e o ensino dos Jogos Esportivos Coletivos. **Journal of Physical Education**, v. 25, n. 1, p. 153-162, 17 abr. 2014.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-151, jun. 2005.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **Educação física escolar entre “o rola bola” e a renovação pedagógica**. 2018. Texto elaborado para o Mestrado profissional em educação física em rede nacional – PROEF. Disponível em: [https://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/138514/mod\\_resource/content/3/index.html](https://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/138514/mod_resource/content/3/index.html). Acesso em: 20 jan. 2019.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v.10, n.71, 2004. Disponível em: [www.efdeportes.com/efd71/esportes.htm](http://www.efdeportes.com/efd71/esportes.htm)

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: Pensando saídas do não lugar da EF escolar II. **Cadernos de Formação RBCE**, Porto Alegre, RS, v. 1, n. 2, p. 10-21, mar. 2010. Semestral.

IMPOLCETTO, Fernanda Moreto. **Livro didático como tecnologia educacional: uma proposta de construção coletiva para a organização curricular do conteúdo voleibol**. 2012. 321 f. Tese - (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/106313>.

JESUS, Mauro Louzada de; DEVIDE, Fabiano Pries. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, [S.L.], v. 12, n. 3, p. 123-140, 28 dez. 2006.

KRUG, Hugo Norberto *et al.* Os desafios do cotidiano educacional de professores de educação física iniciantes na educação básica. **Revista Didática Sistêmica**, [S.L.], v. 19, n. 2, p. 14-28, 2 mar. 2018.

LORO, Alexandre Paulo; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. A crise da educação física nos anos 1980 e os manifestos da sociologia pública. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v.9, n.2, dez. 2016.

MACHADO, Thiago da Silva; BRACHT, Valter. O IMPACTO DO MOVIMENTO RENOVADOR DA EDUCAÇÃO FÍSICA NAS IDENTIDADES DOCENTES: uma leitura a partir da “teoria do reconhecimento” de Axel Honneth. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, [S.L.], v. 22, n. 3, p. 849-860, 15 ago. 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, SP: Hucitec Editora, 2014.

MOLINA, Flaviana Fellegger; FREIRE, Elisabete dos Santos; MIRANDA, Maria Luiza de Jesus. A construção da autonomia nas aulas de educação física: aplicação e avaliação de uma proposta pedagógica. **Pensar A Prática**, [S.L.], v. 18, n. 3, p. 662-674, 30 set. 2015.

NOVAIS, Noilma Regina Souza; AVILA, Marco Aurelio. Análise dos recursos físicos e materiais às aulas de educação física em escolas públicas estaduais em ilhéus, BA. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, Sp, v. 14, n. 2, p. 32-42, ago. 2017

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

PRANDINA, Marilene Zandonade; DOS SANTOS, Maria de Lourdes. A Educação Física escolar e as principais dificuldades apontadas por professores da área. Horizontes - **Revista de Educação**, v.4, n.8, p.99-114, jun. 2017.

RODRIGUES, Heitor de Andrade; DARIDO, Suraya Cristina. O livro didático na Educação Física escolar: a visão dos professores. **Motriz – Revista da Educação Física**, v.17, n.1, p.48-62, Mar. 2011.

TRAD, Leny Alves Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis (online)**, Rio de Janeiro, RJ, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312009000300013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013&lng=en&nrm=iso)>

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v.38, n.2, p.163-170, jun. 2016.



VAGO, Tarcisio Mauro. O "Esporte Na Escola" E O "Esporte Da Escola": Da negação radical para uma relação de tensão permanente - Um diálogo com Valter Bracht. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v.3, n. 5, p.4-17, dez. 1996.

## **APÊNDICES**

### **APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

#### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Conselho Nacional de Saúde, resolução 466/12)**

Eu, João Paulo Hernandez (RG: 41.025.681-X) aluno do curso de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Educação Física em Rede (PROEF) da UNESP campus Rio Claro/SP, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Fernanda Moreto Impolcetto, venho por meio deste convidar o(a) menor, sob a sua responsabilidade, para participar da pesquisa que estou desenvolvendo no mestrado, com o título: O ensino do esporte de invasão nas aulas de Educação Física: análise da proposta de um livro didático

A pesquisa tem por objetivo analisar a implementação de uma unidade didática para o ensino dos esportes, fundamentada em um livro do PNL D, elaborado a partir das habilidades indicadas na BNCC para o 3º ano do Ensino Fundamental.

Para cumprir este objetivo, será implementada uma unidade didática desse livro de Educação Física, adotado pela escola, nas próprias aulas da disciplina. O professor fará anotações num diário no final das aulas, para apontar dificuldades e facilidades do processo de ensino do conteúdo. No final da implementação o(a) aluno(a) poderá ser convidado para participar de uma entrevista coletiva, denominada grupo focal, com outros alunos turma. As respostas serão gravadas em áudio e/ou anotadas num caderno.

As atividades que envolverão a participação do(a) menor, sob sua responsabilidade, serão desenvolvidas na escola em que ele estuda, durante as aulas de Educação Física, pelo próprio professor da disciplina.

Como qualquer pesquisa que envolve a participação de seres humanos, esta também oferece alguns riscos, que embora sejam mínimos, se referem à risco físico durante as atividades práticas, próprias das aulas de Educação Física, como quedas e torções e risco de ficar envergonhado, tímido, com medo de expor sua opinião na entrevista com outros colegas.

Para diminuir os riscos físicos, serão tomados todos os cuidados necessários para evitar acidentes nas aulas, como a realização das atividades em espaços livres de obstáculos evitando pisos escorregadios. Caso aconteça algum problema, imediatamente serão prestadas as providências necessárias, como o encaminhamento do(a) aluno(a) para o posto de atendimento mais próximo. Para minimizar os riscos da entrevista coletiva, ele(a) poderá deixar de responder qualquer questão ou emitir sua opinião se assim desejar. A mesma ocorrerá em local privado dentro da escola, sem interferências de terceiros. Não haverá questões pessoais e de foro íntimo durante a entrevista coletiva. As falas de seu(sua) filho(a) poderão ser anotadas num caderno caso ele não permita a gravação em áudio de suas respostas. Acompanharei todas as atividades da pesquisa junto ao espaço(a) menor sob sua responsabilidade para garantir os seus direitos.

O(A) menor, sob a sua responsabilidade, terá liberdade de desistir da pesquisa a qualquer momento, assim como você poderá solicitar a sua retirada do estudo, sem qualquer prejuízo. Todas as dúvidas que surgirem, necessidades de informação ou esclarecimento poderão ser explicadas pelo pesquisador em qualquer momento do estudo. Destaca-se que não haverá nenhum tipo de despesa bem como remuneração aos participantes desta pesquisa, ou seja, a participação é totalmente voluntária.

Em relação aos benefícios, a colaboração do menor sob sua responsabilidade nesta pesquisa possibilitará a análise e avaliação de conteúdos propostos por um livro de Educação Física do PNL D. Os resultados permitirão apontar possibilidades e dificuldades no ensino do conteúdo proposto, que poderão contribuir com a prática pedagógica de outros professores da área.



Os dados coletados e os resultados obtidos ao longo dessa investigação, serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e publicados em revistas e congressos científicos, de forma que a identidade pessoal do(a) menor sob sua responsabilidade será mantida em sigilo.

Se Sr.(a) se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o Sr.(a) e outra com o pesquisador.

Rio Claro \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Pesquisador responsável

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

**Dados da pesquisa:** O ensino do esporte de invasão nas aulas de Educação Física: análise da proposta de um livro didático

**Pesquisador responsável:** João Paulo Hernandez

**Instituição:** Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

**Cargo/Função:** Mestrando

**Endereço:** Av 24<sup>a</sup>, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP

**Dados para Contato:** (19) 3526-4334 e-mail: jpnandez@hotmail.com

**Orientadora:** Fernanda Moreto Impolcetto

**Instituição:** Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

**Cargo/Função:** Professora do departamento de Educação Física

**Endereço:** Av. 24<sup>a</sup>, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP

**Dados para Contato:** (19) 3526-4334 e-mail: femoreto@rc.unesp.br

**CEP-IN/UNESP-CPC**

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 3526-9678

**Dados do participante da pesquisa (aluno):**

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Documento de identidade:** \_\_\_\_\_

**Sexo:** \_\_\_\_\_ **Data de nascimento:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Telefone para contato:** ( ) \_\_\_\_\_

**Dados do responsável ou representante legal do participante:**

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Documento de identidade:** \_\_\_\_\_

**Sexo:** \_\_\_\_\_ **Data de nascimento:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Telefone para contato:** ( ) \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO**

### **Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Conselho Nacional de Saúde, resolução 466/12)**

Eu, João Paulo Hernandez, (RG: 41.025.681-X), aluno do curso de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Educação Física em Rede (PROEF), convido você para participar da pesquisa que estou desenvolvendo no mestrado, sob orientação da Prof.<sup>a</sup>. Fernanda Moreto Impolcetto, que tem como título: O ensino do esporte de invasão nas aulas de Educação Física: análise da proposta de um livro didático

O objetivo da pesquisa é analisar a implementação de uma unidade didática para o ensino dos esportes, fundamentada em um livro do PNLD, elaborado a partir das habilidades indicadas na BNCC para o 3º ano do Ensino Fundamental.

Sua participação na pesquisa ocorrerá por meio da prática das atividades propostas pelo professor de Educação Física, nas próprias aulas, mas com a utilização dos conteúdos do livro. No final de cada aula, o professor fará anotações num diário, para apontar dificuldades e facilidades do processo de ensino do conteúdo. Quando todas as aulas acabarem, você poderá ser convidado(a) para participar de uma entrevista em grupo com outros colegas, para avaliar as aulas. As entrevistas serão gravadas em áudio e/ou anotadas num caderno.

Em relação aos benefícios, a sua colaboração possibilitará a análise e avaliação de conteúdos propostos por um livro de Educação Física do PNLD. Os resultados permitirão apontar possibilidades e dificuldades em relação ao conteúdo proposto, que poderão contribuir com a prática pedagógica de outros professores da área.

Como qualquer pesquisa que envolve a participação de seres humanos, esta também oferece alguns riscos, que embora sejam mínimos, se referem à risco físico durante as atividades práticas, próprias das aulas de Educação Física, como quedas e torções e risco de ficar envergonhado, tímido, com medo de expor sua opinião na entrevista com outros colegas.

Para diminuir os riscos físicos, serão tomados todos os cuidados necessários para evitar acidentes nas aulas, como realização das atividades em espaços livres de obstáculos evitando pisos escorregadios. Caso aconteça algum problema, imediatamente serão prestadas as providências necessárias, como o seu encaminhamento para o posto de atendimento mais próximo. Para minimizar os riscos da entrevista coletiva, você poderá deixar de responder qualquer questão ou emitir sua opinião se assim desejar. A mesma ocorrerá em local privado dentro da escola, sem interferências de terceiros. Não haverá questões pessoais e de foro íntimo durante a entrevista coletiva. Suas falas poderão ser anotadas num caderno caso você não permita a gravação em áudio de suas respostas. Acompanharei todas as atividades da pesquisa para garantir os seus direitos.

Você pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Todas as dúvidas e informações que você precisar poderão ser explicadas pelo pesquisador em qualquer momento. Não haverá nenhum tipo de gasto ou remuneração para participar desta pesquisa.

Os dados da pesquisa serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e publicados em revista e congressos científicos, de forma que a sua identidade pessoal será mantida em sigilo.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o(a) a assinar este Termo de Assentimento, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o pesquisador.



Rio Claro \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Pesquisador responsável

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

**Dados da pesquisa:** O ensino do esporte de invasão nas aulas de Educação Física: análise da proposta de um livro didático

**Pesquisador responsável:** João Paulo Hernandez

**Instituição:** Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

**Cargo/Função:** Mestrando

**Endereço:** Av 24<sup>a</sup>, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP

**Dados para Contato:** (19) 3526-4334 e-mail: jpnandez@hotmail.com

**Orientadora:** Fernanda Moreto Impolcetto

**Instituição:** Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

**Cargo/Função:** Professora do departamento de Educação Física

**Endereço:** Av. 24<sup>a</sup>, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP

**Dados para Contato:** (19) 3526-4334 e-mail: femoreto@rc.unesp.br

**CEP-IN/UNESP-CPC**

Av. 24<sup>a</sup>, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 3526-9678

**Dados do participante da pesquisa:**

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Documento de identidade:** \_\_\_\_\_

**Sexo:** \_\_\_\_\_ **Data de nascimento:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Telefone para contato:** \_\_\_\_\_

APÊNDICE C – ROTEIRO DIÁRIO DE CAMPO

<b><u>Roteiro Diário de Campo</u></b>	
<p><u>Data</u></p> <p><u>Objetivo da aula:</u></p>	
<p style="text-align: center;"><b>Conteúdo desenvolvido</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Atividades propostas</li> <li>- Imprevistos e/ou alteração do conteúdo</li> <li>- Objetivos alcançados ou não</li> </ul>	
<p style="text-align: center;"><b>Participação e envolvimento dos alunos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Houve a participação? De que maneira? (roda de conversa, atividades práticas)</li> <li>- Se não houve, quais os motivos? (atividade planejada, desinteresse)</li> </ul>	
<p style="text-align: center;"><b>Comentários das alunas</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observar o que os alunos comentam durante as aulas, tanto em relação às atividades propostas, como das atitudes das colegas e/ou do professor</li> </ul>	
<p style="text-align: center;"><b>Abordagens utilizadas</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Modificações</li> <li>- Pontos positivos e/ou negativos</li> </ul>	
<p style="text-align: center;"><b>Recursos materiais e espaço físico</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Impacto nos alunos e nas atividades</li> <li>- Limitações ou facilidades</li> </ul>	

## APÊNDICE D – ROTEIRO DO GRUPO FOCAL

### ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – GRUPO FOCAL

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

Número de participantes: \_\_\_\_\_

“Alunos, fiquem à vontade para responder as questões sobre as aulas que nós fizemos.”

1. Gostaria de saber o que vocês aprenderam nas aulas desde o início do nosso “projeto”? Vocês lembram o que nós fizemos? Quais atividades realizamos?
2. Vocês lembram das regras que aprendemos?
3. Quais as semelhanças e as diferenças entre jogo e esportes?
4. Vocês sabem o que é esportes de invasão? Poderiam me dar alguns exemplos?
5. Qual a importância das mulheres também jogarem futebol e dos deficientes também participarem das atividades físicas? Isso é importante?
6. O que vocês mais gostaram e não gostaram dessas aulas? Mudariam algo?



## **APÊNDICE E – PRODUTO FINAL**

Produto Final como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Educação Física Escolar.



# EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

*Unidade Didática proposta a partir de uma  
obra*

aprovada pelo PNLD



JOÃO PAULO HERNANDEZ

# **Educação Física e Esporte**

**Unidade Didática proposta a partir de uma obra  
aprovada pelo PNLD**



**Realização:**

Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho"

Campus Rio Claro/SP

Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em

Educação Física em Rede Nacional - PROEF

**Supervisor Geral**

Prof<sup>ª</sup> Dra. Fernanda Moreto Impolcetto

**Autor**

Prof. Mtd. João Paulo Hernandez

**Ilustrações**

Prof. Mtd. João Paulo Hernandez

**Imagens**

Extraídas da internet

## APRESENTAÇÃO

O ensino dos esportes, especificamente dentro das escolas, pautou-se por muito tempo no modelo tradicional/tecnicista. Esse fato gerou várias críticas principalmente na década de 1980, impulsionadas pelo Movimento Renovador da Educação Física (MREF). A partir desse período, a prática esportiva passou a ser reconhecida como importante parte do acervo da Cultura Corporal de Movimento (CCM), a qual deveria ser valorizada e imbuída de significados que superassem “o fazer pelo fazer”, apesar que na prática seu ensino pouco mudou, estagnando-se na abordagem tradicional ou no “rola a bola”.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta atualmente uma proposta diferente para o ensino do esporte nas aulas de Educação Física e, por meio do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), foram elaborados livros para auxiliar o professor de Educação Física Escolar (EEF) na prática pedagógica. Desse modo, cria-se a expectativa se esses livros irão amparar um exercício docente que contemple a prática esportiva como um objeto da CCM, fundamentadas nas tendências atuais da pedagogia do esporte, nas habilidades indicadas na BNCC e na busca de superar a visão tradicional do ensino esportivo.

Esta obra didática, que é fruto da dissertação de mestrado intitulada: O ensino do esporte nas aulas de Educação Física: análise da proposta de um livro didático para o 3º ano do Ensino Fundamental, na qual teve como objetivo analisar a implementação de uma Unidade Didática (UD) proposta em um livro do PNLD para o ensino dos esportes, elaborado a partir das habilidades indicadas na BNCC para o 3º ano do Ensino Fundamental, busca exatamente contemplar esse amparo ao docente mencionado anteriormente.

Espera-se que esta UD forneça ao professor/leitor um exemplo de como os livros didáticos podem auxiliar na elaboração de aulas tanto teóricas quanto práticas, que busquem romper com o ensino tradicional dos esportes, neste caso, os esportes de invasão.

Esta UD foi estruturada o mais fidedignamente possível com a proposta do livro didático. Devido a pluralidade da realidade escolar brasileira, é





## Sumário

Quadro 1 - Conteúdo proposto do livro para 3º ano Ensino Fundamental.....	8
Quadro 2 - Descrição das aulas do conteúdo do Tema 1: Diferenças entre jogo e esporte.....	9
Quadro 3 - Descrição das aulas do conteúdo do Tema 2: Esportes de invasão..	10
Tema 1: Diferenças entre jogo e esporte.....	11
Plano de aula 1: introdução ao conteúdo esporte.....	11
Plano de aula 2: Basquetebol: do jogo à modalidade esportiva consagrada...	16
Plano de aula 3: Basquetebol para todos.....	19
Plano de aula 4: Criação de uma história sobre evolução dos esportes .....	22
Tema 2: Esportes de invasão .....	23
Plano de aula 1: introdução aos esportes de invasão.....	23
Plano de aula 2: minijogos de futebol e handebol.....	27
Plano de aula 3: futebol é coisa de menina também .....	30
Plano de aula 4: pesquisa com amigos do bairro.....	32
Sugestões para mais informações:.....	35
Referências bibliográficas:.....	36



Quadro 1 - Conteúdo proposto do livro para 3º ano Ensino Fundamental

Unidade didática	Habilidades	Objetos de conhecimento	Práticas Didático-pedagógicas
Esporte	<p>Experimentar e fruir diversos tipos de esportes de campo e de taco, rede/parede e invasão, identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e protagonismo.</p>	Esporte de invasão	<p><b>Tema 1</b> – Diferença entre jogo e esporte.</p> <p>Entender o que caracteriza uma prática corporal como jogo ou esporte, bem como a transformação de um jogo em esporte. Vivência do basquetebol e do basquetebol de cadeirantes.</p>
	<p>Diferenciar o conceito de jogo e esporte, identificando as características que os constituem na contemporaneidade e suas manifestações (profissional e comunitária/lazer)</p>		<p><b>Tema 2</b> – Esportes de invasão.</p> <p>Refletir sobre os esportes que envolvem invasão.</p> <p>Experimentar minijogos de futebol e handebol.</p> <p>Realizar jogos de futebol para meninos e meninas.</p>

Fonte: Adaptado de Práticas Corporais: Educação Física: 3º a 5º anos: Manual do professor

Quadro 2 - Descrição das aulas do conteúdo do Tema 1:  
Diferenças entre jogo e esporte

Aula	Atividades
<p><b>1: introdução ao conteúdo esporte</b></p>	<p><b>Parte inicial:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Conversa com os alunos, questionando o que sabem sobre as diferenças entre jogo e esporte;</li> <li>✓ Cópias das imagens proposta no livro e perguntas sobre quais são esportes e quais são jogos;</li> <li>✓ Discussão sobre o que é necessário para uma atividade seja considerada esporte;</li> </ul> <p><b>Discussão:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Análise e compressão do jogo e esporte como conteúdo da Educação Física escolar e suas distinções;</li> <li>✓ Jogo como ferramenta pedagógica para o ensino do esporte;</li> <li>✓ Transformação de alguns jogos em esportes como no caso da origem do voleibol e suas variações (vôlei de praia), assim como o handebol;</li> </ul>
<p><b>2: Basquetebol: do jogo à modalidade esportiva consagrada</b></p>	<p><b>Parte inicial:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Retomada de conceitos apresentados na aula anterior;</li> </ul> <p><b>Vivência:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Atividade 1: <b>“basquetebol: do jogo ao esporte”</b>. Objetivo: compreender o processo de transformação do jogo até a modalidade esportiva basquetebol. Experimentar movimentos do basquetebol;</li> </ul> <p><b>Discussão:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O processo de transformação que o jogo sofre ao incluir novos movimentos (passe e drible) e equipamento adequado aproximando-o das características do esporte.</li> </ul>
<p><b>3: Basquetebol para todos</b></p>	<p><b>Parte inicial:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Retomada da vivência anterior</li> <li>✓ Atividade 2: <b>“Surgimento de jogos e esportes”</b>. Objetivo: compreender a possibilidade do surgimento de novos jogos e esportes a partir de determinada modalidade esportiva.</li> </ul> <p><b>Vivência:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Atividade: <b>“Basquetebol para cadeirantes”</b>. Objetivo: Vivenciar o jogo adaptado para pessoas com deficiências de membro inferior.</li> </ul> <p><b>Discussão:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Quais foram as dificuldades encontradas na vivência; os direitos da pessoa com deficiência em praticar esporte.</li> </ul>
<p><b>4: Criação de uma história sobre evolução dos esportes</b></p>	<p><b>Parte inicial:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Recapitulação das aulas anteriores</li> </ul> <p><b>Avaliação:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Os alunos deverão escolher uma modalidade esportiva de uma lista escrita na lousa e criarão uma história sobre as alterações do jogo até se tornar um esporte. A atividade pode ser realizada por meio de desenhos e/ou pequenos textos informativos.</li> </ul> <p><b>Discussão:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Apresentação das produções e debate sobre o que aprenderam.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 3 - Descrição das aulas do conteúdo do Tema 2:  
Esportes de invasão

Aula	Atividades
<p><b>1: introdução aos esportes de invasão</b></p>	<p><b>Parte Inicial:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Retomada de conceitos apresentados nas aulas anteriores;</li> <li>✓ Apresentação de figura proposta no livro (futebol de campo com os jogadores e trio de arbitragem posicionados);</li> <li>✓ Questionamento através perguntas: esta figura representa qual modalidade esportiva? Esse posicionamento dos jogadores indica qual momento do jogo? Qual o objetivo de uma equipe ao invadir o campo defendido por outro? Quando é feito um gol no futebol? O que os atletas precisam fazer para tentar impedir que seu time sofra gols?</li> <li>✓ Apresentação dos elementos dos esportes de invasão;</li> </ul> <p><b>Vivência:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Atividade 1: “<b>Minijogos de futebol</b>”. Objetivo: Vivenciar jogos de futebol em campo reduzido. Entender a importância da invasão territorial.</li> </ul>
<p><b>2: minijogos de futebol e handebol</b></p>	<p><b>Parte inicial:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Retomada da atividade 1: “<b>Minijogos de futebol</b>”.</li> </ul> <p><b>Vivência</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Atividade 2: “<b>Minijogos de handebol</b>”. Objetivo: experimentar jogos de handebol em campo reduzido. Entender a importância da invasão territorial.</li> </ul> <p><b>Discussão:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Debate com os alunos sobre as atividades realizadas.</li> </ul>
<p><b>3: futebol é coisa de menina também</b></p>	<p><b>Parte inicial:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Retomada de alguns conceitos das aulas anteriores;</li> </ul> <p><b>Vivência:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Atividade: “<b>Jogos de futebol para meninas e meninos</b>”. Objetivo: discutir sobre a participação das mulheres no futebol.</li> </ul> <p><b>Discussão:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Reflexão da prática realizada.</li> <li>✓ Os alunos deverão perguntar a dois ou três amigos do bairro onde moram quais esportes eles conhecem e façam a anotação das respostas em uma folha, identificando-os como de invasão ou não.</li> </ul>
<p><b>4: pesquisa com amigos do bairro</b></p>	<p><b>Parte inicial:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Recapitulação das aulas anteriores</li> </ul> <p><b>Avaliação:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Elaboração de um quadro na lousa das respostas encontradas pelos alunos, que constem duas colunas: “esportes de invasão” e “outros esportes”.</li> </ul> <p><b>Discussão:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Correção necessária para o entendimento dos alunos sobre as modalidades esportivas pertencentes à categoria “esportes de invasão”.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor

## Tema 1: Diferenças entre jogo e esporte

### Plano de aula 1: introdução ao conteúdo esporte

#### Objetivo:

- Entender determinados conceitos que estabelecem se uma prática corporal pode ser considerada jogo ou esporte;
- Compreender a transformação do jogo em esporte.

#### Materiais:

Imagens retiradas da internet ou extraídas do próprio livro Práticas Corporais (DARIDO et al, 2017).

#### Parte inicial:

Para início de conversa, é de suma importância falar que os alunos serão desafiados a saber as diferenças entre jogo e esporte, na qual é comum as pessoas confundirem seus significados.

Também debater e questionar com os alunos o que eles sabem sobre as diferenças entre jogo e esporte

Sugestões de perguntas:

- Alguém pode me dar exemplo de um esporte?
- Vocês sabem diferenciar o que são jogos e esporte?
- Sobre os jogos, vocês poderiam me dizer um nome?
- Aqui na escola praticamos esporte como realizados nos campos e quadras?

Ainda nesta conversa inicial, apresente imagens proposta no livro ou retiradas da internet, questionando aos alunos quais são esportes e quais são jogos.

**Sugestões de imagens:**



Após a apresentação das imagens e dos questionamentos iniciais, apresentar sobre o que é necessário para uma atividade seja considerada esporte ou um jogo.

Para ajudar neste processo, segue como sugestão alguns conceitos referentes aos esportes e aos jogos.

**Conceito de esporte:**

Esportes reúne tanto as manifestações mais formais dessa prática quanto as derivadas. O esporte como uma das práticas mais conhecidas da

contemporaneidade, por sua grande presença nos meios de comunicação (BRASIL/BNCC, p. 215, 2017).

Algumas características:

- Há uma comparação ou competição de determinado desempenho entre indivíduos ou grupos (adversários),
- Regido por um conjunto de regras formais, institucionalizadas por organizações (associações, federações e confederações esportivas);
- Exemplos de algumas regras:
  - Tipo de material utilizados;
  - Locais apropriados e padronizados;
  - Números determinado de praticantes;
  - Equipamento utilizados pelos jogadores
  - Condutas dos árbitros
  - Duração da partida

**Conceito de jogos:**

Brincadeiras e jogos exploram aquelas atividades voluntárias exercidas dentro de determinados limites de tempo e espaço, caracterizadas pela criação e alteração de regras, pela obediência de cada participante ao que foi combinado coletivamente, bem como pela apreciação do ato de brincar em si. (BRASIL/BNCC, p. 214, 2017).

Algumas Características:

- Flexibilidades de regras determinada pelos praticantes;
- Suas características diferem regionalmente;
- Possui um caráter lúdico.

Para elucidar as diferenças e semelhanças entre os jogos e os esportes, e apresentar a transformação de alguns jogos através do processo de esportivização ao longo do tempo e diferentes espaços, apresente a história e origem do voleibol e suas variações (vôlei de praia e vôlei sentado).

## Senta que lá vem história!!!

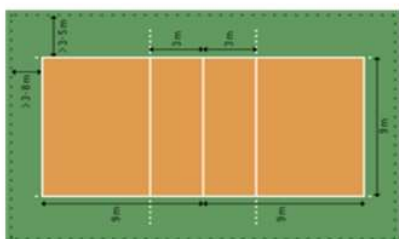
O voleibol foi criado pelo diretor de Educação Física da ACM (Associação Crista de Moços de Massachusettes) Williams G. Morgan.



*William G. Morgan*

Morgan idealizou uma prática esportiva que tivesse pouco contato físico para minimizar os riscos de lesões. Inicialmente jogava-se com uma câmara de ar de uma bola de basquete e uma rede de Tênis improvisada. Seu primeiro nome foi Mintonette.

Ao longo do tempo foi adicionado regras oficiais como materiais e espaços apropriados, números de jogadores, formas de arbitragem, entre outras.



*Quadra oficial de voleibol*



*Bola Oficial de Voleibol*

Em 1947 foi criada uma federação (FIVB – Federação Internacional de Voleibol) e dois anos mais tarde foi realizado o primeiro campeonato mundial com apenas o evento masculino. Em 1952 foi estendido o evento feminino, e em 1964 o voleibol passou a fazer parte do programa olímpico.

Atualmente existem variações do voleibol, como o vôlei de praia, voleibol sentado, futevôlei, biribol.

No final, após apresentação da história do voleibol, deixe claro aos alunos que esse processo ainda continua, pois o ser humano ainda interfere nas práticas esportivas provocando várias mudanças.

O esporte pertence ao universo da Cultura Corporal de Movimento (CCM) e, como a cultura é algo dinâmico, torna-se possível criar, recriar e produzir novas formas de se-movimentar através de formas já existentes.

#### **Discussão:**

Debata com os alunos que as vivências e experimentações dos esportes nas escolas, em sua grande maioria, raramente terá todas as condições necessárias para prática como é feita oficialmente nos campos e nas quadras. Devido a isso, adotamos os jogos como estratégias de ensino dos esportes por serem mais fáceis para o processo de ensino e aprendizagem. Isto é feito devido as inúmeras situações em que se depara a realidade escolar, como a heterogeneidade de alunos, as condições materiais da escola, o espaço praticado, entre outros.

## Plano de aula 2: Basquetebol: do jogo à modalidade esportiva consagrada

### Objetivo:

- Compreender o processo de transformação do jogo até a modalidade esportiva basquetebol;
- Experimentar movimentos do basquetebol.

### Materiais:

Arcos ou baldes, bolas de borracha ou bolas leves, bolas de basquete.

### Parte inicial:

Neste momento é importante retomar alguns conceitos discutidos na última aula. Retome os conceitos de jogos e esporte e peça para os alunos alguns exemplos.

Após isso, diga aos alunos que experimentaremos algumas atividades sobre o processo de transformação do jogo ao esporte.

### Vivência:

Atividade 1: “basquetebol: do jogo ao esporte”.

Objetivo: compreender o processo de transformação do jogo até a modalidade esportiva basquetebol. Experimentar movimentos do basquetebol.

Nesta vivência os alunos participaram de uma atividade em que experimentarão, de forma lúdica, como um jogo simples pode-se tornar em um esporte, neste caso o basquetebol.

1º parte: distribua os alunos em 4 grupos e peça que um aluno de cada grupo segure um arco ou balde que simulará uma cesta de basquete. Os outros alunos ficaram enfileirados à frente, arremessando as bolas

que poderão ser de borracha ou outra de material leve.

2º parte: esta parte é muito similar a primeira, porém amarre a “cesta improvisada” em algum poste ou algo similar, podendo ser também as traves do gol do futsal.

3º parte: divida cada grupo em duas equipes e diga que terão que arremessar a bola na cesta pendurada. Para isto, deverão que fintar os adversários e ao mesmo tempo defender os ataques do mesmo em um minijogo.

Durante esta atividade, troque as bolas de borrachas ou improvisadas por bolas de basquete, além de incluir algumas regras, desde que não comprometa o desenvolvimento do jogo.

4ª parte: cada grupo, que foi separado inicialmente, jogará com outro grupo em uma cesta improvisada formando assim 2 jogos simultâneos. Em seguida, peça que troque a cesta improvisada pela tabela de basquete.

5ª parte: nesta última parte, faça que duas equipes joguem na quadra toda. As outras equipes aguardam sua vez de jogar, observando seus amigos jogarem.



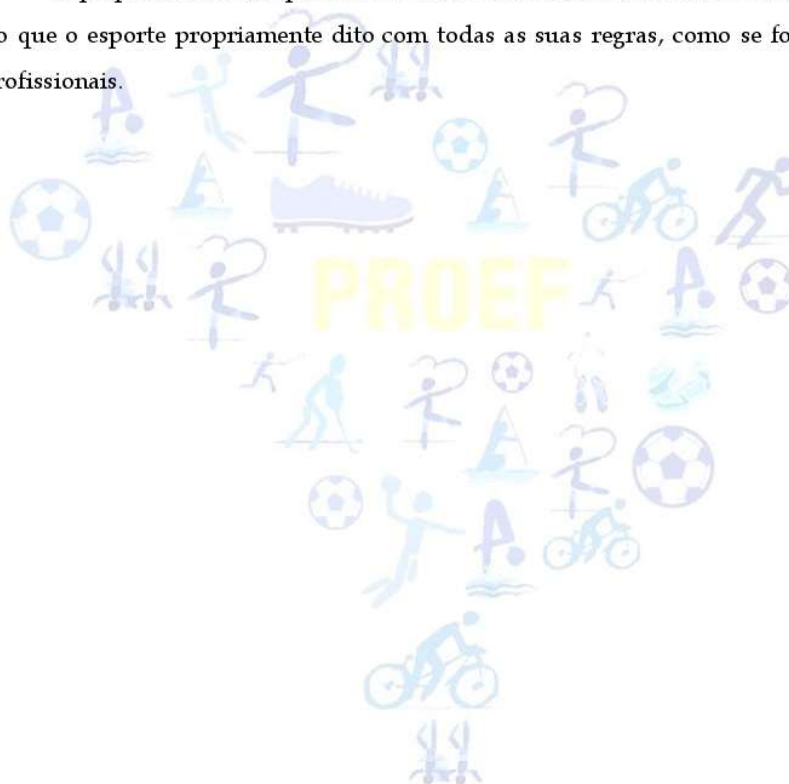
**Discussão:**

Após esta atividade, peça que os alunos relatem suas considerações sobre a atividade. Se perceberam que partiu de um jogo relativamente simples, a qual

arremessavam a bola segurada por outro aluno até um jogo mais complexo que se aproxima da forma do basquetebol atualmente. Questione quais materiais foram colocados, quais regras foram inseridas, quais dinâmicas que mudaram.

Também pergunte aos alunos se o que praticamos foi um jogo ou um esporte? Por quê? O que faltou para que chegássemos ao esporte basquetebol? Quem precisa seguir as regras oficiais deste esporte?

Explique aos alunos que é muito mais interessante vivenciarem os jogos do que o esporte propriamente dito com todas as suas regras, como se fossem profissionais.



### Plano de aula 3: Basquetebol para todos

#### Objetivo:

- Compreender a possibilidade do surgimento de novos jogos e esportes a partir de determinada modalidade esportiva;
- Vivenciar o jogo adaptado para pessoas com deficiência física de membro inferior.

#### Material:

Imagens impressas retiradas da internet ou do próprio livro, bolas de borracha, bolas de basquetebol, pedaços de papelão ou colchonetes.

#### Parte inicial:

Retome a atividade anterior, dando preferência na atividade em que os alunos jogam o basquete de forma mais próxima da realidade, que seria a parte 4 ou 5.

Este momento é importante para dar continuidade na atividade: “Surgimento de jogos e esportes”, que tem como objetivo compreender a possibilidade do surgimento de novos jogos e esportes a partir de determinada modalidade esportiva.

Como discutido na aula 1, apresente inúmeras imagens de formas diferentes de jogar voleibol, que surgiram a partir do voleibol de quadra.





Após a apresentação das imagens, fale para os alunos que eles iram experimentar uma forma diferente de jogar basquetebol.

#### Vivência:

Atividade 2: “Basquetebol para cadeirantes”.



Divida os alunos em algumas equipes conforme de no máximo 8 alunos. Peça que cada aluno segure um pedaço de papelão e que deverão deslocar com ele durante a atividade. Coloque arcos ou baldes amarrados em algum poste ou algo similar. Diga aos alunos que ao deslocar com o papelão deverão se sentar sobre ele e só assim poderão receber ou lançar a bola para outro colega da equipe ou no alvo. Para defender deverão também estarem sentados e não poderão retirar a bola da mão do



#### **Plano de aula 4: Criação de uma história sobre evolução dos esportes**

##### **Parte inicial:**

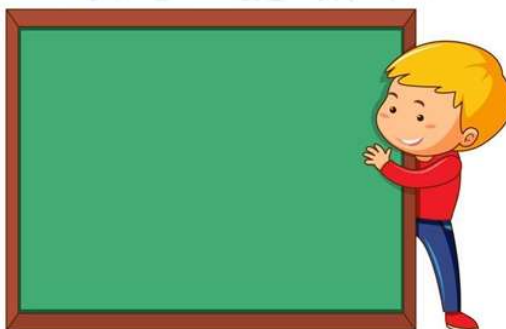
Recapitulação das aulas anteriores, relembrando as atividades vivenciadas e dos conceitos discutidos.

##### **Avaliação:**

Os alunos deverão escolher uma modalidade esportiva de uma lista escrita na lousa que poderá ser sugerida por eles.

Após isso, eles deverão criar uma história sobre as alterações do jogo até se tornar um esporte. A atividade pode ser realizada por meio de desenhos e/ou pequenos textos informativos.

No final, apresente algumas produções feitas e debata com eles sobre o que aprenderam.



## Tema 2: Esportes de invasão

### Plano de aula 1: Introdução aos esportes de invasão

#### Objetivo:

- Identificar os elementos comuns das modalidades esportivas de invasão;
- Experimentar jogos reduzidos de handebol e futebol.

#### Materiais:

Bolas de borracha, bolas de futebol ou futsal, cones ou garrafas pet

#### Parte Inicial:

Faça uma retomada dos conceitos apresentados anteriormente. Se necessário, faça alguma atividade prática realizada anteriormente, como a do basquetebol do jogo ao esporte.

Apresente a figura a seguir que está proposta no livro ou outras similares retiradas da internet



*Campo de futebol com jogadores e trio de arbitragem*

Faça alguns questionamentos como estas que foram sugeridas no livro: Esta figura representa qual modalidade esportiva? Esse posicionamento dos jogadores indica qual momento do jogo? Qual o objetivo de uma equipe ao

invadir o campo defendido por outro? Quando é feito um gol no futebol? O que os atletas precisam fazer para tentar impedir que seu time sofra gols?

Após esta parte introdutória, apresente aos alunos os elementos fundamentais que caracterizam os esportes de invasão.

- Que estes esportes possuem como implemento uma bola ou disco e por serem coletivas, há interação simultânea entre participantes;
- Cada equipe possui um alvo para atacar e defender;
- A posição de ataque se caracteriza com a posse de bola ou disco que deverá acertar o alvo do adversário;
- Quando não está com a posse de bola ou disco, a equipe se encontra em posição de defesa e deverá recuperar o implemento, evitando que o adversário acerte seu alvo;
- Que uma equipe pode retomar e perder a posse para o adversário em qualquer espaço onde o jogo é praticado;
- Que cada modalidade esportiva há um tipo de alvos (traves para futebol, handebol e polo aquático; cesta do basquete; linha demarcatória do rúgbi, futebol americano);
- Os ambientes físicos são variados como campo, quadra e piscina.



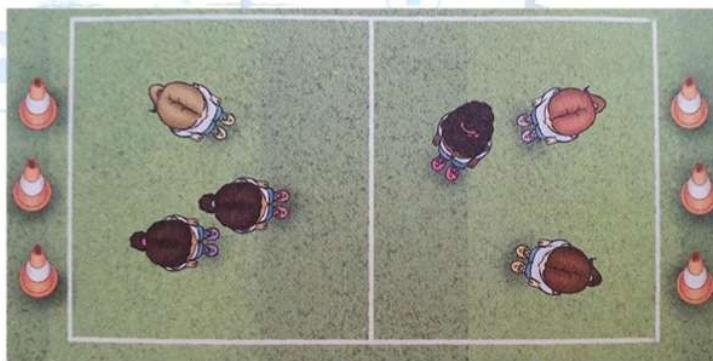
**Vivência:**

Após a apresentação das características dos esportes de invasão, realize a parte prática sugerida a seguir:

Atividade 1: “Minijogos de futebol”.

Objetivo: Vivenciar jogos de futebol em campo reduzido; entender a importância da invasão territorial assim como perceber a necessidade de defender a própria meta.

Nesta primeira parte, divida os alunos em equipes com três jogadores cada. Organize o espaço em vários espaços reduzidos marcados por giz para que todos os alunos possam participar ao mesmo tempo. Coloque como alvo três cones ou garrafas pet no fundo de cada miniquadra. O objetivo desta atividade é fazer com que os alunos invadam o campo adversário e derrubem o alvo (cone ou garrafa pet). O ponto só é considerado se derrubar o alvo com chutes executados no campo de ataque.



Na segunda parte da atividade, as regras continuam a mesma, porém, em vez de derrubarem o alvo, terão que marcar gol entre dois cones que servirão como traves. Neste momento não há a necessidade de ter um goleiro, pois o objetivo é fazer com que os alunos invadam o lado adversário e retornem para defender.

Delimite uma área ao redor dos cones, a qual nenhum jogador poderá entrar e os pontos só valerão se forem feitos fora desta área.



## Plano de aula 2: minijogos de futebol e handebol

### Objetivo:

- Identificar os elementos comuns das modalidades esportivas de invasão;
- Experimentar jogos reduzidos de handebol e futebol.

### Materiais:

Bolas de borracha, bolas de handebol, cones ou garrafas pet.

### Parte inicial:

Faça uma retomada da parte prática da aula anterior (minijogos de futebol) de forma mais breve, pois será bem parecida com a aula atual.

### Vivência:

Atividade 2: “Minijogos de handebol”.

Objetivo: experimentar jogos de handebol em campo reduzido. Entender a importância da invasão territorial.



A atividade “minijogos de handebol” é bem parecida com a atividades “minijogos de futebol”, porém ressalte com os alunos que em vez de utilizarem os pés, irão utilizar as mãos. É importante colocar alguma regras como: cada jogador só pode ficar com a posse de bola por cinco segundos; quando estiverem de posse da bola não poderão caminhar ou correr; a bola só poderá ser recuperada quando interceptada entre os passes dos adversários, ou seja, não poderá ser tomada das mãos do colega da outra equipe.

Nesta atividade, se for viável, poderá colocar um goleiro na segunda parte, quando o objetivo for marcar o gol entre os cones ou garrafas pet.

**Discussão:**

Após vivenciar as práticas, debata com os alunos sobre as atividades realizadas. Quais foram as dificuldades encontradas ao defender seu campo de jogo? Como foi as estratégias usadas para invadir o campo adversário? O que foi necessário para recuperar a posse de bola?

Tanto o handebol como o futebol são esportes que necessita de um coletivismo entre os integrantes de cada equipe para que possam atingir a meta adversária. As ações de ataque e defesa, invasão do campo adversário, a recuperação da bola só é possível se há interação entre os participantes, em um processo de colaboração mútua.

Apresente as figuras sugeridas pelo livro (DARIDO et al, 2017) ou de imagens similares retiradas da internet.

**Sugestões:**



*Hóquei no gelo*



*Hóquei na grama*



*Polo*



*Polo aquático*



*Futebol americano*



*Rúgbi*

Após apresentar as imagens pergunte aos alunos quais esportes reconhecem e o que eles têm em comum com o futebol e handebol.

No final espera-se que todos tenham a compreensão que a função essencial destes tipos de esportes é invadir o campo adversário com objetivo de acertar a sua meta.



### **Plano de aula 3: futebol é coisa de menina também**

#### **Objetivo:**

- Discutir sobre a participação das mulheres no futebol.

#### **Materiais:**

Bolas de borracha, bolas de futebol ou futsal.

#### **Parte inicial:**

Retomada os conceitos das aulas anteriores, principalmente as características dos esportes de invasão.

#### **Vivência:**

Atividade: “Jogos de futebol para meninas e meninos”.



Conforme as adaptações que acharem necessárias, realize algumas partidas de futebol

Para isto, divida a turma em equipes de no máximo seis participantes. As equipes podem ser mistas ou separadas com integrantes do mesmo sexo. Caso opte pelas equipes separadas pelo mesmo sexo, os jogos deverão ser realizados dos meninos contra os meninos e as meninas contra as meninas. Evite realizar jogos de meninos contra as meninas. Caso algum aluno pergunte sobre a possibilidade da disputa entre os sexos, questione ele se seria justo fazer uma prática desta maneira.

#### **Discussão:**

Após a parte prática, discuta com os alunos sobre a participação das mulheres no futebol. Questões como: se conhecem alguma equipe feminina no Brasil? Por que os canais de tv transmitem mais o futebol masculino? Por quê? Se as mulheres podem praticar futebol? Por quê?



#### **Plano de aula 4: pesquisa com amigos do bairro**

##### **Objetivo:**

- Avaliar os alunos referente aos assuntos abordados sobre os esportes de invasão.

##### **Parte inicial:**

Faça uma recapitulação das aulas anteriores tanto do tema 1 quanto do tema dois.

##### **Avaliação:**

Divida a lousa em duas partes, um lado escrito “esportes de invasão” e o outro lado “não esporte de invasão”. Com as respostas encontradas, preencha o quadro com os respectivos respostas (esportes de invasão; não esportes de invasão).

Se houver necessidade, faça as correções e reforce o que caracteriza os esportes de invasão.



## Considerações finais

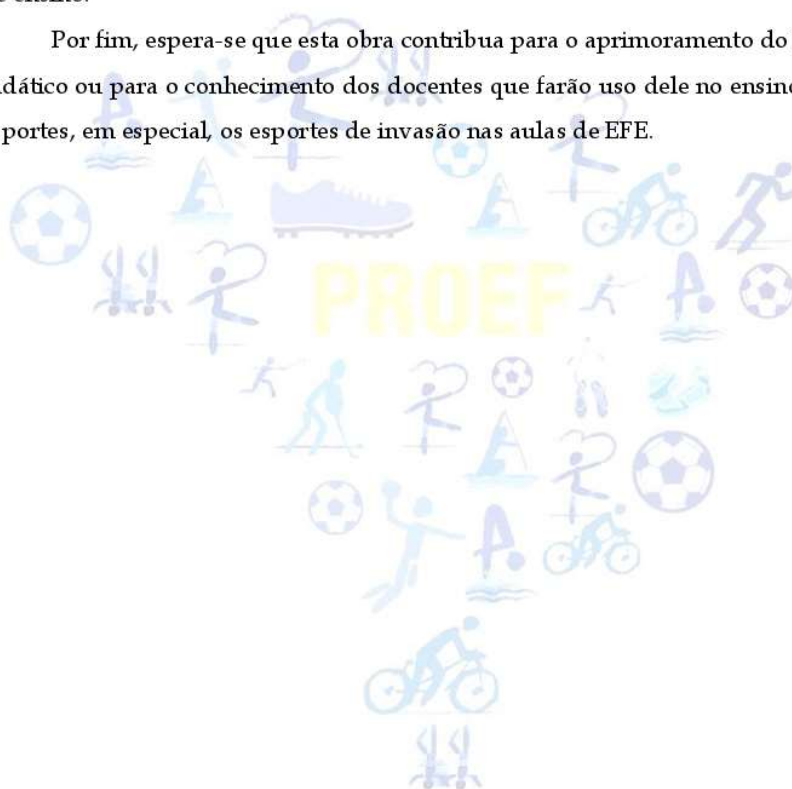
A aplicação desta UD gerou resultados positivos em boa parte das produções de dados que foram encontrados e relatados na dissertação que originou esta obra didática. Os alunos, em sua maioria, compreenderam os conceitos tanto de jogos como de esportes, além do conceito de esporte de invasão, o qual implica em invadir o campo adversário com o intuito de atingir a meta do mesmo e concomitantemente defender a sua meta. Este conceito está fundamentado nos princípios da lógica interna dos jogos esportivos e vivenciados ao longo desta UD, além de fazer com que os alunos conseguissem também exemplificar vários tipos de modalidades esportivas de invasão. Esta constatação pode ser verificada através de observações, avaliações e exposição oral dos próprios alunos.

Devidos a isto, as estratégias sugeridas nesta UD permitem aos alunos vivenciarem situações que se aproximam das modalidades esportivas através dos jogos respeitando as habilidades e competências indicadas na BNCC. Com isso, a prática não se limita apenas no ensino da técnica ou do gesto esportivo especializado, pois as estratégias pedagógicas sugeridas possibilitam criar situações que se aproximam da realidade caótica dos esportes. O método proposto rompe com a visão tradicional/tecnicista do ensino dos esportes, que objetiva apenas a repetição do gesto esportivo e a fragmentação das modalidades por meio dos fundamentos.

Outro ponto interessante são as discussões que emergem dos temas considerados “Construção de Valores” que a vivência esportiva proporciona. Essas temáticas surgem tanto de forma espontânea, devido aos conflitos gerados pela própria prática que estão carregados de informações oriundas das vivências que os alunos trazem de suas experiências anteriores; quanto de forma intencional, quando foram propostas as atividades que discutiam as questões de gênero relacionadas por exemplo ao debater sobre a prática do futebol feminino e das prática esportiva feita pelos cadeirantes.

Porém é importante ressaltar que, como grande parte dos livros didáticos, esta UD, que foi construída a partir da obra Práticas Corporais (DARIDO et al, 2017), também possui algumas limitações. O material precisa ser adaptado à realidade em que será utilizado, para que contemple os alunos e a escola. As estratégias sugeridas aqui podem e devem sofrer adaptações com a finalidade de atender melhor os alunos, além das condições físicas e de materiais da unidade de ensino.

Por fim, espera-se que esta obra contribua para o aprimoramento do livro didático ou para o conhecimento dos docentes que farão uso dele no ensino dos esportes, em especial, os esportes de invasão nas aulas de EFE.



### Sugestões para mais informações:

Basquetebol em cadeiras de rodas. <http://rededoesporte.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/modalidades/basquete-em-cadeira-de-rodas>

Confederação Brasileira de Basquete. <http://www.cbb.com.br/>

Confederação Brasileira de Handebol <https://cbhb.org.br/>

DAOLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos – modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Brasília, v. 10, n. 4, p. 99-103, 2002. <https://arearestritiva.com.br/wp-content/uploads/2015/04/DAOLIO-Jogos-esportivos-coletivos-dos-princ%C3%ADpios-operacionais-aos-gestos.pdf>

Diferenças entre jogo e esporte. <https://www.educacaofisica.com.br/escolas/educacao-fisica-escolar/qual-a-diferenca-entre-jogo-e-esporte/>

Futebol feminino. <https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino>

GONZÁLEZ, F.J. Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v.10, n.71, 2004. Disponível em: <[www.efdeportes.com/efd71/esportes.htm](http://www.efdeportes.com/efd71/esportes.htm)>

História do voleibol. [www.fpv.com.br/historia\\_volleyball.asp](http://www.fpv.com.br/historia_volleyball.asp)

